

P.^e Alberto da Rocha Martins

O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA



1954

Capa de António Carlos

16. 12. 1955

Para a Biblioteca
Municipal de
Zurich,

Wunderlin
O PROBLEMA DO HOMEM

E

A REALIDADE DIVINA

Jan. 1955

Henri de Lubac

DO MESMO AUTOR:

Debruçado Sobre o Evangelho — 1953 — esgotado

O Problema do Homem e a Realidade Divina — 1954

NO PRELO:

Retalhos do Jornal

Falas do Passado

EM PREPARAÇÃO:

Esboço Crítico da Oratória Portuguesa no Século XIX.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
B A R C E L O S

P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS

O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA



*Beralione
Perma*

1954

NIHIL OBSTAT.

Bracarae, 12 Octobris 1954

Censor — *Dr. Castro Mendes*

IMPRIMATUR.

Bracarae, 14 Octobris 1954

† A., Arch. Primas.

PREFÁCIO

APESAR do materialismo sensualista do nosso tempo sente-se, premente e gritante, a necessidade de uma literatura sãdia em que a luz seja ministrada aos espíritos atribulados pela dúvida e pela incerteza.

São muitos os males da sociedade mas, é justo reconhecer-se que, felizmente, nem tudo é lama no nosso tempo.

Há uma grande multidão de crentes num mundo melhor.

Há uma massa humana que vive dramaticamente a certeza cristã e aguenta, com heroísmo e renúncia, os perigos e perseguições nascidos do enorme poder das trevas deste século.

Nota-se, por isso, a ânsia de perfeição e de rumo . . .

Quem escreve para o público assume responsabilidades e pode, com as suas obras, contribuir para o afundamento social ou para a gloriosa libertação das consciências.

O apostolado literário tem oportunidade candente em nossos dias e opõe-se decisivamente à extraordinária sementeira de erros que se propagam, pelos processos mais subtis, em todos os quadrantes do mundo.

É preciso, ainda que isso pareça anacronismo, apontar ao homem o problema do seu destino e chamar-lhe a atenção, pela reflexão atenta, para a realidade divina que o envolve permanentemente.

Criado por Deus — e isto é dogma consolador — o homem só se realiza totalmente em Deus.

Apontar o caminho luminoso desse destino e pôr ao espírito humano a convergência de todos os actos para Deus, é missão a que os escritores conscientes da sua responsabilidade se não podem furtar.

No remorso que tortura ou na suavidade que delícia pode esconder-se a mensagem divina a convidar o homem para as alturas...

Por isso se escreveu, em escassas horas de meditação, com a maior simplicidade, este livro.

Não é um Ensaio, no sentido apertado do termo, nem um Livro de Horas, embora tenha muito, ia a dizer tudo, de ambas as coisas.

Nele encontra-se o homem pecador ou justo a braços com o problema da vida para a Vida.

As lutas, as dúvidas e as realidades deste amargo peregrinar são docemente iluminadas pelo sol da graça divina.

É um livro escrito sem preocupações de erudição e sem o propósito declarado de vencer pelo raciocínio.

Nele entrou, em grande percentagem, a argumentação da experiência colhida na vida e proclamada com desassombro e sinceridade.

Poderá fazer bem a quem o ler?

Estamos inteiramente convencidos de que assim acontecerá.

A sua publicação só se explica perante essa certeza.

*

A quem se destinam estas páginas inexpressivas? Aos crentes? Aos que o não são? Àqueles a quem o espinho da dúvida permanentemente tortura? Aos insatisfeitos e aos desalentados no caminho duma vida enfraquecida pelo vício? Sim: a todos os que entrevêem a possibilidade duma vida melhor e mais digna; aos que sentem, ainda, no coração e na alma, a doce e amarga nostalgia de Deus; aos que absorvidos pelos trabalhos duma vida de canseiras se esqueceram ou não encontraram vagar para se debruçar sobre os problemas de ordem espiritual e eterna.

Para todos se escreveram essas páginas onde brilha a verdade do cristianismo e se retratam os dramas e angústias do homem.

Aí perpassa, suave ou agrestemente, o problema da Humanidade, nos delírios estonteantes da loucura e do prazer ou nas grandezas sublimes e luminosas da santidade e da renúncia.

Aí estão comentados os motivos da pavorosa desorientação hodierna e se apontam firmemente as lucilações do dever e da altura...

Há ligeiros apontamentos que encerram longas meditações; palavras que são gritos de alma e voz de clarim; lições que podem enfastiar mas que a vida não dispensa.

O sonho e a realidade . . . a vida e o destino . . .

É um livro simples, de alma para alma, onde alguém se há-de encontrar com certeza . . .

Coloco-o nas mãos da sorte para que o leve ao encontro dos que dele possam necessitar.

Permita Deus que a sementeira germine, floresça e frutifique a bem da Humanidade.

Barcelos, Novembro de 1954.

O homem perante um ideal

«... então os muitos de boa vontade e de visão clara não tardarão a compreender que a missão salvadora da Igreja de Cristo não é um sonho do passado, não é um despertar de cansado, mas o prolongamento do presente que dura desde há séculos, que se renova todos os dias e consigo renova toda a civilização que acompanha e sabe aperfeiçoar».

Pio XII

Discurso em 2 de Junho de 1942

AO recordarmos a história amargurante do homem, nos diversos sectores da sua actividade e nos variados aspectos da sua vida, é fácil reconhecer que todos os caminhos desconstrados de Deus se apresentam semeados de espinhos acabrunhantes, dúvidas e incertezas que torturam e enganam que abismam...

O homem superior, aquele que pelo seu espírito nobre e culto, fugiu aos miasmas da vulgaridade e marcou o itinerário da sua vida pelo caminho da justiça e da verdade pode sentir no peito, em horas de desalento, o vazio da solidão, possivelmente o amargor da intranquilidade, mas, ao fim e ao cabo, depois dessas nuvens escurentadas que o perturbam, rebrilhará, com clarões de eternidade, a Única Verdade que há-de desfazer todas as dúvidas e iluminar docemente todos os rumos, criando, assim, a verdadeira e perene felicidade que é, sem dúvida, o prelúdio da Eterna Bem-aventurança.

Só este homem, ou antes, só este tipo de homem, realiza totalmente o seu fim e se harmoniza inteiramente com o destino divino para que foi criado.

Tudo isto, porém, para ser querido e realizado, pressupõe um ideal a exercer continuamente na alma o influxo sedutor da aspiração. Diante desse ideal, que se afasta na medida em que nos aproximamos e que nessa medida nos fascina dum modo irresistível, o homem recupera as forças indispensáveis para vencer todos os obstáculos quer sejam nascidos da própria fragilidade — do barro da natureza — quer fluam da maldade dos homens ou do capricho fatal das coisas. Que é a vida senão a realização dum pensamento acalentado na juventude, como psicológicamente entrevira o poeta Alfred de Vigni?

*

Mas pensarão, assim, todos os homens?

Há-os que nem sequer entrevêem estes divinos eflúvios da graça. Atascados em vícios aviltantes ou nimiamente preocupados pelos canseiros imperativos das riquezas nem levantam os olhos para o Céu como se a terra guardasse o segredo da paz e o mistério enleante da tranquilidade.

Ao homem que vagueia na senda da vida, cruzando todas as direcções do pensamento ou do utilitarismo, que se revê à luz bruxuleante duma consciência corrompida ou sob o prisma enegre-

cido duma vida sem Deus, aconselha-se e oferece-se, ainda, um caminho luminoso de salvação, de verdade e de vida.

Nesse caminho, onde é sempre tempo para entrar, brilha, em tonalidades de doçura, o carinho da certeza e o encanto da paz. Esse caminho, onde tantos, na desfilada dos séculos, encontraram a doçura da tranquilidade e do amor, é Cristo Humanado.

Para ele convergem, de todas as direcções e de todos os climas, os olhares ansiosos dos homens e alça-se o grito lancinante dos que são atormentados pela nostalgia de Deus e reconhecem, depois de amores de perdição, a mentira do pecado e o vazio doloroso da indiferença.

A História abre-se, de par em par, para fazer ressurgir, em todos os séculos e latitudes, as figuras comprovativas desta afirmação, e que, na sua mudez eloquente parecem gritar aos vivos: « não há paz fora de Deus ».

*

A todos os que sofrem na desorientação e na dúvida e a quantos conseguem ainda sorrir no estonteamento da loucura gerada no prazer, renova-se insistente e fraternalmente a pregação de S. Paulo:

« Cristo Crucificado ».

Só Ele é Caminho, Verdade e Vida!

D'Ele nasceu a Igreja onde o homem alimenta os ideais mais puros e revigora as forças do espírito para a luta interminável deste mundo.

Só a Igreja de Cristo tem luz verdadeira para desfazer as dúvidas acabrunhantes e semear em terreno seguro as certezas da consolação.

Só na Igreja, que é una e santa, católica e romana, poderemos dar sentido completo ao ideal de perfeição que as paixões fariam facilmente estiolar e que divinamente pode florescer no jardim da Santidade cristã.

É na Igreja, que nos serviu de berço e que nos alimenta com o pábulo da sua doutrina de salvação, que podemos dar largas ao ideal de pureza e perfeição cristã que alimentamos na nossa alma.

Esse ideal, porém, tem de beber a seiva vivificante da graça de Deus cujas fontes são os sacramentos.

É este ideal nobre que preconizamos a quantos tiverem a paciência de ler estas páginas onde se manifesta, com a maior simplicidade, o desejo de ser útil a todos os que, ansiosos de rumo e sedentos de verdade, peregrinam entre ilusões de prazer e espinhos de sofrimento neste vale de lágrimas a caminho da Eternidade.

*

Felizes os que nunca foram arrastados para longe de Cristo nem se tornaram impenetráveis e surdos à voz íntima da Graça Divina.

Felizes os que não têm de retornar e, por esforçada colaboração com Deus, sempre mantiveram na vida e no coração o Senhor da Vida.

Mas, como julgar os que transviaram do caminho traçado pelo baptismo da Igreja, confirmado, mais tarde, por outros sacramentos nomeadamente pela penitência e pela comunhão?

Como julgar aqueles nossos irmãos que misteriosamente deixaram entrar na consciência a voz subtil e adúladora da sereia do mal e foram, perdidamente, atrás desse som mavioso de encontro aos bons princípios que dimanam não só da natureza mas, ainda, da religião revelada por Deus e, outrora, sinceramente vivida por eles?

Teremos de os considerar desencaminhados e perdidos para sempre?

Tal procedimento seria, além de desumanidade imperdoável, um grave erro teológico.

Na verdade, o sacrifício do Calvário — histórico e divino — só tem completa explicação perante o mundo numeroso dos filhos pródigos. Por isso urge, com fé, persistência e amor, trabalharmos na conversão dos nossos irmãos, dando à nossa vida particular e ao nosso apostolado uma inteira e definitiva feição cristã.

Desta sorte seremos, na terra, outros tantos auxiliares de Cristo na salvação da humanidade e ouviremos o grito amargo e lancinante que parece ressoar através das quebradas da história: «é grande a messe e poucos os operários».

Fitemos a luz cariciosa do ideal cristão que se corporiza em Cristo e o trabalho, a luta e o sofrimento serão divinamente transformados em alegria e felicidade.

Nenhum homem pode viver feliz pensando inteiramente em si e nos seus negócios e esquecendo o seu próximo.

O problema do homem tem de ser o problema da humanidade.

Há que ter bem presente, como acto de fé inabalável, a certeza da universal fraternidade.

O egocentrismo é crime contra o homem e contra a humanidade. A Igreja e as leis morais condenam-no.

Só o amor e a caridade estabelecem bases sólidas de bem estar e laços fortes de felicidade.

Para isso será todo o nosso esforço e trabalho.

**Onde está a felicidade
do homem?**

«Quantos que pregam uma ordem nova, e não são mais que os ramos secos do velho tronco humano apodrecido! Não se regenera a apodrecida árvore humana, senão renovando-lhe a vida. Todo o esteio duma coacção meramente policial não fará mais que manter de pé um cadáver. Só Cristo é a Vida! O homem que inteiramente o desconhece não chega jamais a atingir toda a perfeição do seu ser. Caminha na vida como um animal sem olhos, na escuridão do mistério».

Cardeal Patriarca

Obras Pastorais — 1.º Volume — pág. 115

EM todos os tempos da História, ainda mesmo se nos remontarmos às civilizações da antiguidade oriental ou clássica, descobrimos no homem um anseio permanente de felicidade.

Por ventura os seus trabalhos penosos e constantes no campo, nos laboratórios ou na oficina, não têm outra finalidade imediata que não seja a de encontrar possibilidades para esse doce ambiente de felicidade tranquilizante.

E não é difícil, sobretudo, a quem se familiarizar com o que os homens escreveram ou fizeram, encontrar, com meridiana claresa, a afirmação gritante do seu anseio que se concretiza, nem mais nem menos, na paz.

Entretanto, reconhecemos as inúmeras páginas negras da história da vida humana em que os ziguezagues da inconstância e as nebulosidades da confusão, de mistura com a baixesa de costumes e a escravizante mensagem das paixões, reafirmam a eterna insatisfação, ainda mesmo quando os ou-

vidos persistam em fechar-se às aliciações da concupiscência e os sentidos se inundem no mar estonteante dos prazeres luxuriosos.

No mais íntimo da alma fulgura a estrela cintilante da consciência onde Deus inseriu o anseio da imortalidade.

*

E este anseio que se reafirma em todas as atitudes do homem pensante teve o seu colapso, senão totalmente ao menos em grande escala, nessa hora negregada em que o homem, vítima da traição, cometeu o pecado original.

E quer queiramos quer não temos de nos remontar a essa origem inquinada para encontrar as razões primordiais de todas as infelicidades humanas.

Na verdade, nunca o homem houvera sofrido nem sentido a penosa necessidade de se debruçar sobre o instrumento duro do trabalho para arrancar à terra, por entre lágrimas e suores, o pão de cada dia.

A partir, porém, desse trágico momento em que cedera à habilidosa insistência da serpente e pecara, nunca mais o sol deixara de ter nuvens e a paz insatisfações.

O pecado trouxera ao homem o cortejo sinistro de todos os malefícios humanos, desde os tormentos do espírito — dúvida, incerteza e erro — aos amarfanhantes grilhões do sofrimento corporal — fome, doença e miséria.

É neste campo, aberto a todos os desvarios e a todas as preocupações, que o homem desfia, em dolorosa e dramática peregrinação, a sua vida, por vezes transformada em rosário sombrio de tormentos e lutas...

Duraria interminavelmente este estado doloroso se Deus, em Sua Infinita Bondade, não promettesse ao género humano a redenção que, de novo, conquanto em moldes diferentes, reconduziria o homem à pristina felicidade.

Não tinha Deus obrigação nem necessidade para a sua glória intrínseca de resgatar o homem. Entretanto a sua prodigiosa bondade quis levá-lo e oferecer-lhe um novo caminho de resgate e de vida.

Para tanto opera-se na eternidade, processada já na cronologia dos homens, a Incarnação voluntária da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

É Cristo — o Salvador — que se faz homem para salvar os homens.

*

Belém recorda-nos o mistério mais inefável do amor e da generosidade de Deus para com a Humanidade.

Sabemos que o pecado — insubordinação à Divina Vontade — ocasionou o maior descalabro e a mais negra tragédia sobre todos os homens privando-os da possibilidade de aspirar ao Céu.

Viveriam eternamente mergulhados no mistério das trevas e agrilhoados à mais dura escravidão...

As lágrimas e as dores seriam, depois do pecado, o pão de cada dia e ninguém, por mais privilegiado de talentos ou virtudes naturais, poderia furtar-se a esse amargo e negro viver.

Por isso, só a Divina Sabedoria escogitaria um processo para libertar o homem e dar-lhe asas espirituais que lhe permitissem sobrevoar o estendal de misérias a que a culpa o arrastara.

Assim, a Divina Bondade oferece-se a Deus, num sacrifício inesquecível, para resgatar a humanidade conferindo-lhe o direito à Eterna Felicidade.

Para isso desce do Céu à Terra, reveste-se da nossa carne unindo à Pessoa Divina, numa união hipostática, a natureza humana, para, deste modo, ser natural e possível o sacrifício de Deus.

Sufrimento de Cristo como homem nascido do seio puríssimo de Maria mas, unido pessoalmente, no mais inefável mistério de amor, a Deus!

O Natal de Cristo, pelas circunstâncias especiais que o rodearam, pelo desprezo e perseguição que suscitou, pelas injustiças que à sua volta se cometeram é, sem dúvida, uma lição luminosa e expressiva do que os homens, cegos pela paixão ou deslumbrados pelo fastígio do poder, são capazes e revela a sublime grandeza do Amor de Deus.

*

Cristo é expulso da sua Terra e arrasta nesse tormento os Pais dando-nos o exemplo mais nobre da resignação e da humildade.

Essa resignação e essa humildade, porém, não são, de forma alguma, sinónimos de cobardia pois todos conhecemos a firmeza e o desassombro do Mestre Divino quando estavam em jogo a Verdade e os Direitos de Deus.

Basta lembrar a veemência das suas palavras contra os hipócritas, contra os fariseus e contra os vendilhões do Templo.

Entretanto, e apesar do seu poder infinito, da sua sublime missão de Salvador da humanidade, da sua altíssima nobresa de Profeta, de Sacerdote e de Rei, quis, por deliberada vontade, nascer pobrezinho, sofrer os agores da penúria e do frio e beber o cálix amargo do exílio a cujo amargor se juntariam, mais tarde, o fel da traição, da covardia e da injustiça.

E quis bebe-lo inteiramente numa submissão heróica à Vontade do Eterno Pai!

Na Cruz — altar do majestoso e interminável sacrifício — sofreu pelo homem e não devemos esquecer a angústia torturante daquelas palavras proferidas precisamente numa hora de abandono e dirigidas ao Pai: «Meu Pai, Meu Pai, porque me abandonais?»

É preciso ter-se pisado algum dia o caminho áspero do exílio, ter-se bebido o fel amargo da ingratidão ou terem-se sentido as punhaladas da injustiça para se compreender, ainda que parcialmente, a significação destas palavras do Senhor. Ele era, naquela hora, a personificação do pecado... que os homens cometeram...

Quem vive entre homens, como Cristo viveu, e que, como Ele, tenha de ser arauto da Verdade, da Justiça e dos Direitos reais da Pessoa humana, não pode escapar a esses escárneos, a essas ingratidões, a essas injustiças.

A lição do nascimento de Cristo é flagrante de actualidade em que isso, muito embora, pese aos homens do nosso tempo.

*

Este caminho, onde vicejaram os lírios roxos da penitência e rescenderam os goivos tristes da saudade, foi pisado pelo filho de Deus.

Nenhum homem apareceu na vida tão altamente adornado de virtudes e enriquecido de dotes do espírito — inteligência, coragem e nobreza — como o Filho da Virgem Maria de Nazaré. E, no entanto, dentre os rumos que os sábios traçaram à vida humana, Ele escolhe precisamente aquele em que o homem deixa de ser para se transformar e é humilhado pelos espinhos, pelas perseguições e pelos mais revoltantes desprezos.

Nesse caminho conquista-se a Glória — a glória que não morre e que resiste, com o mesmo frescor e brilho, à acção pertinaz do tempo destruidor.

Deste exemplo de Cristo, do seu nascimento humilde e desta vida emocionante vai jorrar, para a humanidade pecadora, a inexaurível torrente da graça divina.

Leitor Amigo, levei-te por caminhos sangrantes de espinhos, banhados de lágrimas e ensombrados de sacrifícios e atrevo-me a dizer-te, sem recear o teu escândalo, que este é o único caminho da Felicidade.

Nesta peregrinação através da história dos homens a lição mais preciosa que aprendemos é, na realidade, a de que não são as honras, nem o dinheiro e muito menos o prazer carnal, que formam a felicidade humana.

As riquezas obsidiantes, os prazeres da vida fácil e os deslumbramentos do poder vitorioso, geraram a amargura e desencadearam a ambição desmedida.

Convido-te, por isso, a entrares na tua consciência e, entretanto, fraternalmente, te afirmarei que a única Felicidade está em Cristo Crucificado, como pregava S. Paulo.

**O sofrimento será caminho
de salvação?**

«E, sendo providencialmente destinado, pela incarnação, a restaurar o reino de Deus, perturbado pelo pecado, com razão podia o divino Salvador garantir formalmente ao seu Apóstolo Santo Tomé: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim».

Arcebispo Primaz de Braga
in Carta Pastoral sobre o Congresso
do Apostolado da Oração

ABRE este capítulo com uma pergunta a que nem todos darão resposta igual.

Nem admira que isso aconteça pois a História que é «mestra da vida» guarda nas suas páginas, a propósito do mesmo assunto, as opiniões mais desencontradas proferidas pelo homem no decurso dos séculos.

Não admira, por isso, que a respeito do sofrimento se hajam registado as afirmações mais contraditórias, desde os que o amaldiçoam até aos que o desejam e abraçam resignadamente.

Entretanto, e apesar de todas as correntes que pretendem apresentar uma solução para a dor, o sofrimento continua sendo património da humanidade.

Sofrem os pequeninos inocentes e são atormentados os poderosos e pecadores.

Todos, neste mundo, por mais amena que se lhes apresente a vida, tiveram de provar o amargor do sofrimento e discretamente enxugaram lágrimas de pranto ou abafaram suspiros de comoção.

Esta é a triste condição da humanidade!

Cumpra ao homem, pela resignação e pelo mútuo auxílio, minorar o sofrimento alheio e valorizá-lo perante a vida.

Na verdade, tudo quanto nos atormenta ou alegra está, por Deus, condicionado em ordem à nossa vida futura.

O Céu—Pátria Eterna a que todos aspiramos—conquista-se com boas obras e estas têm a sua maior sublimidade no sofrimento resignado.

A missão que nos cabe de tornar menos dura a condição dos que sofrem tormentos, sejam os da fome ou da injustiça, enobrece o nosso carácter e sublima a nossa alma sempre que a isso presida o sentimento da caridade e da misericórdia para com os abandonados.

Não saberemos avaliar a doce eficiência duma palavra confortante dita àquele que se encontra sòzinho a braços com a amargura...

Desconhecemos o milagre de luz e de alegria que um gesto amigo exerce sobre o doente entristecido ou na alma agrilhoadada do pobre encarcerado...

A dor destes irmãos nossos apouca-se e esfuma-se para ser substituída por uma doce resignação—prelúdio de paz íntima—quando sentem a nossa presença e o nosso carinho.

No exercício desta missão sublime o homem transforma-se em anjo de consolação e pode, com suas acções e palavras, realizar o apostolado mais belo e nobilitante da sua vida.

Praticar a caridade para com os desventurados e para com os doentes, sem altivez nem repugnância, é apostolado tão alto e bafejado de divina poesia que iguala o homem ao anjo e faz dele, na terra, luminosa projecção de Cristo.

Tenho no pensamento essa legião admirável de Irmãs de Caridade, esse número extraordinário de médicos católicos ou caridosos que fazem da sua profissão um verdadeiro sacerdócio e cuja acção abençoada de Deus consegue enxugar tantas lágrimas de amargura e doirar de esperança tantas vidas desditosas.

A eles, a todos os apóstolos do bem e da caridade, conhecidos ou ignorados, aos que a exercem por palavras, conselhos ou esmolas, é justo prestarmos a nossa mais sentida homenagem e tributar-lhes, em nome da humanidade sofredora, a mais viva gratidão.

Casas de Caridade ou de Saúde, Hospitais ou Asilos, Dispensários ou Recolhimentos e Conferências Vicentinas, são, por assim dizer, prolongamentos da mão carinhosa de Deus a abençoar a humanidade.

*

Ninguém escapa ao sofrimento!

Nem a ciência com todo o seu deslumbrante fulgor, nem a arte com seus cariciosos encantos, nem o progresso material com todos os seus como-

dismos, nem as riquezas com todas as suas promessas conseguem suprimir, do mundo, a dor.

Ela reina e impera como soberana.

A dor oprime! Mas não esqueçamos que o mármore, só depois de cinzelado impiedosamente pelo homem — agente do sofrimento — é que se transforma na estátua que nos encanta.

A semente que lançamos à terra e quase abandonamos só depois deste martírio é que germina, floresce e frutifica.

As estrelas brilham na medida em que o firmamento escurece.

O homem eleva-se e distingue-se na medida em que se purifica no caminho da dor à semelhança do oiro que se desprende das impurezas ao contacto com o fogo.

Sendo assim não devemos amaldiçoar a dor por entrevermos desde já a sua benéfica acção em ordem à salvação.

Deus permite o sofrimento para glória de uns e castigo de outros.

Porque sofre o inocente? Lei das compensações? Antes esplendor divino de glória imortal.

Entretanto, não esqueçamos que todas as amarguras que nos pungem a alma e dilaceram a sensibilidade têm uma missão salvadora na nossa vida.

A dor lembra-nos a nossa fraqueza e o nosso pecado...

A dor é semelhante à voz do sino a chamar-nos ao cumprimento do nosso dever para com Deus...

A dor é conselheira amiga que nos vela neste desterro e é médico solícito que nos cura ainda mesmo quando o remédio seja amargo...

Por isso, François Coppée escreveu, depois de ter sofrido tanto, um livro maravilhoso a que deu o título sugestivo de « Dor Bemdita ».

Sofreram os mártires do cristianismo e a coroa da sua glória foi forjada na dor.

Sofreu Jesus Cristo o mais doloroso martírio... Por isso, não devemos estranhar o nosso sofrimento.

O sofrimento é uma necessidade!

O homem estontear-se-ia num mundo de prazeres fáceis e ninguém poderia chamá-lo à realidade das coisas senão a dor.

Quando se sofre reconhecemos melhor a nossa triste condição.

Temos, porém, o dever sagrado de aliviar os que sofrem.

Consolar o desventurado é imperativo de consciência a que nenhum homem se deve furtar. Um conselho, uma esmola, um carinho, uma ajuda quem os não poderá dispensar ao desventurado?

Não sejamos duros de sensibilidade perante a alheia miséria. Se têm fome, frio ou sede, não lhes regateemos o nosso auxílio imediato.

*

Quanto bem difundimos através da caridade!...

Não sei, leitor amigo, se já consideraste a eficiência do sofrimento, a luz que é capaz de pro-

jectar e a felicidade que origina. Repara na Irmã de Caridade que se debruça amoravelmente sobre as chagas purulentas e nauseantes dos doentes e as cura com extremos de carinho...

Repara, ainda, nessa maravilhosa epopeia que é a vida ignorada dos Missionários que se entregam dia e noite em terras inhóspitas a cuidar da salvação dos indígenas, cristianizando-os e ensinando-lhes o caminho do Céu, tendo, para isso, de deixar terra e família, e sem a esperança de qualquer recompensa neste mundo...

Repara nos trabalhos, aflições, e amarguras desses mensageiros do Evangelho e, ao mesmo tempo, na serenidade com que encaram todos os martírios e na calma com que aceitam todas as incompreensões...

Como se explica este fenómeno assombroso?

Será que no sofrimento pode haver algo de bom para a vida... para a Vida que não tem fim?

Sem dúvida, leitor amigo. Por isso, tu que tens de sofrer voluntária ou contrariadamente, faz da necessidade virtude e sabe colher do sofrimento o fruto misterioso da salvação.

Não será na revolta que o sofrimento se multiplica? Interroga a humanidade e interroga-te no silêncio da consciência.

A resposta, com certeza, não será outra senão: o sofrimento é caminho de felicidade.

Palavra estranha! O sofrimento caminho de felicidade? Quem pode acreditar em tal afirmação?

A resposta a estas interrogações é-nos dada, dum modo positivo, pela História. Todos os que interpretam as leis da vida sob a luz da Eternidade admitem, sem receio de erro, que o sofrimento guarda o mistério da felicidade.

Exactamente, por isso, ouvimos a palavra fulgurante de Cristo: «a vossa tristeza converter-se-á em alegria»; «se alguém quer vir após de mim, abnegue-se, tome a sua cruz e siga-me»; para onde, Senhor? Para o Calvário! Para o Martírio!...

O discípulo não é mais do que o Mestre.

A lição de Cristo e o seu chamamento são a prova mais clara da fecundidade do sofrimento. Nele está o triunfo e o segredo da verdadeira paz.

Se meditarmos atentamente a vida heróica dos santos do agiológio sagrado não será difícil admitirmos esta verdade.

O sofrimento de Cristo

«É extraordinariamente grande toda a vida de Jesus.

Todavia, aos nossos pobres olhos humanos, essa vida singular parece ainda maior, nas horas dramáticas da Paixão, Mais do que nunca, sentimos nessas horas atormentadas a soberana grandeza do Homem...

Ferido ferozmente na sua carne virgem, com dores físicas sem igual que, aos nossos olhos, conforme escreveu Newman, se resumem no crucifixo, os adversários parecem apostados em martirizá-lo, por forma inconcebível, nas delicadezas do Coração».

Trindade Salgueiro

Jesus, pág. 158

COMO lição preciosa de amor e exemplo magnífico para a humanidade evoquemos a Vida de Cristo Sofredor.

Não esqueçamos, no entanto, que Jesus não era apenas Homem mas também, Deus e, consequentemente, a lição que nos transmite assume uma grandeza enorme e sublima um exemplo inesquecível.

É certo que o sofrimento é um dos mistérios mais espessos da vida humana.

Quantos estudiosos gastaram noites de vigília na interpretação deste mistério, na sua origem, natureza e razão de ser. Ao fim e ao cabo tiveram de aceitar como única explicação o valor de resgate que a dor encerra.

O cortejo dos que sofrem é tão longo como a própria história do homem.

Em todos os tempos se desenhou e desenvolveu uma luta incessante para descortinar a razão do sofrimento. Desde sempre repercute o eco

trágico destas palavras aflitivas: «Porque sofremos»?

Apesar disso o homem de todos os climas e de todas as posições sociais continua a ser dominado pelo mistério negro do sofrimento.

Há, porém, na história de todos os tempos uma figura de sofredor que bem pode ser apontada como maior e, ao mesmo tempo, como o exemplo mais nobre e mais luminoso do homem perante a desventura.

Todos os matizes da dor incidiram, como espinhos dilacerantes, sobre a sua vida.

Se o sofrimento é escada por onde uns sobem até às culminâncias da santidade e outros descem até às profundezas do desespero e da descrença, não vem a despropósito apontar serenamente o exemplo de Cristo para que todos os que sofrem na vida — e são todos os que lêem estas páginas descoloridas — em vez de se precipitarem no desespero possam, antes, subir às luminosidades da perfeição.

O homem que resignadamente aceita a dor demonstra um poder de inteligência e domínio de vontade que o revoltado é incapaz de mostrar.

O ouro é purificado pelo fogo e assim se compreende que a alma humana seja aperfeiçoada no caminho do sofrimento do mesmo modo que a beleza da estátua só nascerá depois dos golpes de crueldade infligidos pelo martelo à pedra tosca.

É grande a figura de Cristo e tão grande que Zaqueu teve de subir ao cimo dum sicómoro para

a poder contemplar. Hoje mesmo, se a queremos ver em todo o seu esplendor e glória, precisamos subir à cúpula da História donde se podem avaliar a grandeza e transcendência dos homens. Todos nos parecem pequeninos sobretudo se Cristo serve de termo de comparação.

Se o encararmos pelo lado da dor essa figura agiganta-se extraordinariamente.

É precisamente nos momentos trágicos da vida desse Homem que calcurriou os caminhos deste mundo e conheceu de perto todas as fragilidades das criaturas e provou o licor estranho de todos os amargores e suportou as punhaladas das mais hediondas perseguições e injustiças e provou o fel de todas as ingratidões, que melhor se aquilata do seu extraordinário valor. Deste geito compreendemos, em parte, o poder de fascinação que exerceu através da história e a razão de tantos deixarem tudo para o seguir cantando e bendizendo o sofrimento.

É diante da dor que se mede a coragem do homem.

Isaías, tocado de fulgores proféticos, viu diante de si todos os amargurados e entrevendo a figura de Cristo escreveu em caracteres de fogo: «O Homem das Dores»... como que a querer significar que ninguém foi tão cruelmente ferido pela espada cortante do sofrimento como o Filho de Maria de Nazaré.

Na realidade só há uma palavra capaz de compendiar, em síntese luminosa e trágica, o martírio

de Cristo: o *Crucifixo*. Nesta palavra está resumi-
da admiravelmente essa epopeia assombrosa da
vida amargurada de Jesus.

Talvez, por isso, S. Paulo, apóstolo das gentes,
não soubesse pregar outra coisa senão Aquele que
se abraçara à Cruz.

Neste século, em que nos foi dado viver e em
que a dor toma aspectos confrangedores e atinge
limites nunca ultrapassados, urge levar ao mundo
o conhecimento desta grande verdade paulina:
Cristo Crucificado. Exactamente é esta a grande
e premente necessidade dos nossos tempos cala-
mitosos. Injustiças sociais, egocentrismos ferozes,
grosseiros materialismos, princípios economistas a
subordinar tudo e todos trouxeram à humanidade
do nosso tempo o mal estar mais clamoroso e
originaram a miséria mais amarga. Faltou Cristo
nas leis, nos costumes, nas consciências e na so-
ciedade. Faltou ou prescindiram da sua Doutrina.
Faltou ou substituíram-no pelo dólar ou pela força...

Faltou ou tiveram a louca pretensão de o adap-
tar às circunstâncias e exigências das paixões. Por
isso reinou a confusão e imperou a mentira.

É urgente que Cristo retome o seu lugar na
Vida! Mas Cristo Crucificado!

*

É enorme a legião dos sofredores que atra-
vessa, em perene lamentação de amargura, este
áspero desterro. E, apesar de tudo, aquele que

foi mais provado pelo espinho do sofrimento, não passa duma imagem esbatida da realidade de Cristo Sofredor.

E talvez não seja difícil descobrir a razão desta afirmação.

Na verdade, cada homem é portador das suas faltas e, por ventura, duma herança triste que lhe legaram os seus antepassados.

Sofremos para expiar ou para engrandecer.

Cristo era portador e responsável da incontável multidão de todos os pecados da humanidade.

Não se esqueça, ainda, que Jesus sofreu na sua carne virgem os tormentos indispensáveis para purificar o homem de todos os tempos.

O homem de ontem, de hoje e de amanhã estavam presentes na dolorosíssima paixão e morte de Cristo.

Drama perturbante o do martírio de Jesus!

Na meditação serena da sua vida, na amargura que tão dolorosamente o pungira, muitas almas abraçaram e beijaram amorosamente a Cruz da sua vida e fizeram da sua dor «um poema» de maravilhas insondáveis.

Quase tinha razão Gasquet quando encimava um dos seus livros com esta legenda estranha: «há voluptuosidade na Dor»...

A Paixão de Cristo não se escreveu nos livros com tinta... mas anda descrita com sangue nas pedras velhinhas e enegrecidas da Cidade Santa e nos pedregosos caminhos que dão acesso ao Calvário...

Anda escrita em todos os lugares por onde Cristo passara e é recordada em todos os seus gestos e atitudes através do mundo... Recordam-na, em melopeia dolorida, as torrentes do Cédron e parece repercuti-la eternamente a sinfonia dos ventos que se perdem na imensidade dos desertos do mundo...

Impressiona-nos o tom magoado e triste com que os Apóstolos plasmaram nos Evangelhos os pormenores do sofrimento de Jesus Cristo.

Na realidade todo o que se detiver a sentir e a viver a Paixão do Senhor não encontra frases para dizer tanta amargura e prefere mendigar às lágrimas a expressão a que as palavras se negaram, Cristo Sofredor no Horto ou no Calvário proclama verdadeiramente o enorme poder das trevas que eternamente haviam de pungir o homem.

E, por isso, toda a sua Paixão passa-se à luz bruxuleante dos archotes sinistros, entre espadas rebrilhantes, cordas e açoites, gargalhadas soeses e sentenças de ódio.

Panorama sinistro a que Jesus não quis fugir mas, antes, aceitou generosamente para expiação dos pecados dos homens.

O Martírio de Cristo assume proporções que o Tempo e o Espaço não conseguem medir!

Há, ainda, um aspecto da Paixão de Cristo que não devemos deixar no esquecimento. É, precisamente, o modo como sofreu.

Diante da dor não recua. Parece forte diante do martírio. Resignadamente aceita na sua alma amargurada, o cumprimento pleno da Vontade Divina.

Se a carne é fraca e miserável o espírito está vigilante e generoso.

E quando Judas inicia o prefácio da história negra e longa de traições da humanidade Ele aceita, em silêncio impressionante, essa punhalada cruel.

Podia fulminar o traidor ou recriminá-lo com o castigo. Prefere antes, em gesto de ternura amargurante, convidá-lo ao arrependimento chamando-lhe «amigo»...

Revoltar-se? Para quê se a redenção humana estava ligada à Cruz?

Esta é a lição que todos os homens devem aprender.

Os que sofrem verão engrandecida a sua dor; os que sorriem não ficarão surpreendidos quando as lágrimas lhes umedecerem ou queimarem o rosto.

E todos, certamente, hão-de sentir benéficos eflúvios da bondade divina através do sofrimento.

Há neste exemplo de Cristo uma lição grandiosa que seria crime imperdoável esquecermos.

O modo como o Mestre aceita tantas amarguras e se curva diante de tantas humilhações contrasta com a sua inocência imaculada e só se compreende em relação ao homem pecador que resume a humanidade inteira.

A resignação, a humildade, a coragem do Divino Nazareno marcam o caminho de luz a todo o homem que vem a este mundo.

Assim sondaremos melhor o preciosíssimo tesouro dos sofrimentos a que, por natureza e missão, não poderemos fugir.

*

Se vêm de Deus as amarguras que me afligem não devo revoltar-me.

Devo, antes, beijar respeitosamente a Cruz que me torna semelhante a Cristo-Mestre de todos os que receberam o sacramento do baptismo.

De resto a nossa vida é sudário de culpas e os nossos pecados multiplicam-se com os anos que vamos vivendo.

Aproveitemos a vida, embora dolorosa, para entesourarmos as riquezas que nem o tempo nem a ferrugem conseguem destruir.

E sirva-nos de modelo a vida de Cristo Sofredor.

**Grandeza e glória
do martírio...**

«O herói que se ergueu para, em nome do Bem, combater o Mal, em nome da Luz espancar as Trevas, bem que se adivinha perseguido, rastreado, mas não identifica individualmente os seus farejadores.

Ouve as mil vozes que perpassam como o casquinar dos vampiros nocturnos, e, no entanto, examinando a fisionomia prismática da multidão, não descobre as faces dos murmuradores e a funesta cintila do seu ódio.

O herói tem de estar sempre alerta.

Contra quem? Não sabe.

Contra o quê? Ignora.

A sua vida será um contínuo ir e vir, pois o Mal é o vai-vem permanente, tão aritmico e disperso, como sistemático e indefectível».

Plínio Salgado

Vida de Jesus, pág. 195

○ mundo é jardim onde vicejam todas as flores, onde crescem todos os cardos e deslizam todas as torrentes de água.

Nele se formam a virtude e o vício; se desenvolvem o heroísmo e a cobardia; crescem a intriga, a inveja, o ódio ao lado, ou por entre, o desprendimento, a simplicidade e o amor.

O mundo é terreno fecundo onde a maldade é alimentada junto da bondade.

Uma e outra têm os seus direitos.

Foi neste mundo, caprichosamente adornado de flores e de espinhos, de heroísmos e traições que, numa tarde palestiniã, se fizera ouvir estranhamente esta voz: «se queres ser perfeito, vai e vende o que tens, dá-o aos pobres e segue-me».

Palavras ditas, serenamente, a um jovem esperançoso e bom. Nada lhe faltava para ser apontado como modelo... Inteligente e puro, bondoso e submisso...

Ouviu interessadamente estas palavras de conselho do Mestre e sentiu na alma, bem reflectida nos olhos, uma tristeza infinita... Alguma coisa o perturbava... Alguma coisa o prendia à vida...

*

Só o homem livre é capaz de lutar. O cristianismo não é paraíso delicioso de repouso, mas é, campo aberto onde a luta é pão de cada dia e onde o prémio se conquista com renúncia, trabalho, heroísmo e martírio.

O discípulo não é mais do que o Mestre. O mundo e o calvário não estão distanciados...

Só é grande o homem que vence o apego à terra e à vida por amor de Deus. Este vê no mundo o calvário que tantos, pelo dinheiro, pelos prazeres estonteantes, pelo prestígio de falsas autoridades, teimam em desconhecer.

Quantas vezes esse calvário se torna patente e irrefutável na adversidade e na doença...

No mundo, em todos os tempos, mas especialmente nesta época de desorientação pavorosa, é necessário ser-se herói para vencer.

O herói é mártir de si mesmo!

*

Quanta luta e quantos sacrifícios para chegar a tal perfeição...

A perfeição é o supremo anseio duma vida!

A vida é tecida de sonho e realidade.

O sonho que nos deslumbra em delícia e a realidade que nos afoga em amargura... No sonho a esperança em dias mais felizes e na realidade a certeza do sofrimento e da luta... No sonho a presença doirada do futuro e na realidade a presença esmagadora do passado...

Viver é sofrer e amar!

Amamos a vida, em grandeza e glória, se aspiramos a um ideal nobre!

Não podemos julgar o homem pelo que é mas devemos, antes, julgá-lo pelo que deseja ser.

Num palácio de opulência pode rastejar o homem enlameado... Duma choupana de sombras pode despontar um sol ou uma estrela... O homem, como belamente exprimiu um poeta, é aquilo que deseja ser.

No desejo sincero afirma-se uma presença!

Essa presença, na medida em que avulta, torna-se objecto de inveja e perseguição. Começa, assim, a via de amargura que leva ao martírio. Quem não terá sustentado na vida — só pelo facto de se afirmar — lutas encarniçadas?

Quantas perseguições ao que sobressai só pelo crime de ter valor...

Os primeiros cristãos — que eram uma presença de Cristo — foram perseguidos e enclausurados em presídios martirizantes. Para lhes ser possível cultuar a Deus, em espírito de verdade, foi necessário recolherem-se às catacumbas. Que tempos de ardentes heroísmos!

No decorrer dos séculos surgem inimigos da verdade, heresias e cismas, com o único objetivo de destruir aqueles que professavam a sua fé em Cristo.

Quase concluimos, à luz da História, que o cristão, ia a dizer o homem, — é um predestinado ao martírio se firmemente quiser manter íntegra a sua dignidade e reafirmar, por palavras e obras, a sua fé e amor a Jesus Cristo.

São tantos os obstáculos, de ordem interna e de ordem externa, que aquele que se aguenta é, na verdade, um herói!

Lembrar os heróis do cristianismo e da Pátria seria repetir o que todos admiram e veneram. São tantos os mártires que se confirma plenamente o dito de Tertuliano: «o sangue dos mártires é semente de novos cristãos». E bem podemos acrescentar: e exemplo luminoso de novos heroísmos pela vida fora...

Em nossos dias, reinantes de paganismo, surge de todos os lados o ataque soez à virtude. É a imoralidade mais descarada nas revistas e publicações pornográficas e nos cinemas imorais: é a perseguição declarada à inocência ou o sorriso cínico de tudo o que representa aprumo e altura moral. Tudo se conjuga, em nossos dias, para implacavelmente combater a honra e a dignidade.

Mais difícil, por isso, se torna o cristianismo integralmente vivido.

De onde se conclui que o cristão com personalidade é um herói.

Honra, pois, ao cortejo lindo e esplendoroso de tantas virgens consagradas a Deus dentro e fora dos mosteiros; a tantas almas rescendentes de perfume e candura que no mundo são, no enorme panorama de infidilidades, presenças de luz, de sacrifício e de amor.

Acalenta-as um ideal apaixonante de libertação. Libertação das solicitações da carne fraca perante os imperativos do espírito vigilante; libertação dos bens terrenos, nome, dinheiro, terra e família, para se entregarem generosamente a Deus, amando o próximo.

Que epopeia grandiosa escrita, em todos os tempos, pelos Missionários!

A grandeza do martírio está no aniquilamento de si para se transformar em Cristo.

E é em Cristo que encontramos toda a glória do sacrifício e da Dor!

Bendita dor que gera tanta grandeza e tanta glória! Grandeza que a terra consagra nas honras imorredouras do altar e o Céu coroa na plenitude da Felicidade!

*

Mas esta grandeza não se perde nas ondas do incenso perfumado dos aplausos terrenos. É somente que germina, floresce e frutifica, em glória imortal, para a Eternidade.

A verdadeira glória deste martírio—o dia a dia consagrado inteiramente a Deus e suportado com

resignação por amor de Deus — é conduzir o homem à eterna realidade — a Bemaventurança.

Nisto reside toda a sua grandeza criadora e toda a sua glória resplandecente.

A tua vida, leitor amigo, obscura, martirizante pode ter, na verdade, toda a resplandecente glória duma epopeia imortal.

O Tempo e a Verdade!

«A Igreja é a Presença de Cristo no mundo com toda a sua riqueza de meios santificadores: — a doutrina irresistível do Evangelho, os sinais sagrados, o culto litúrgico a trasladar a natureza humana para o plano sobrenatural, a Hierarquia imutável, a santidade real».

D. Domingos da Apresentação Fernandes,
Bispo Auxiliar de Aveiro

Para uma Evangelização Eficaz
Lumen, 1954 — pág. 194

QUASE todas as grandes figuras da humanidade deixaram, em obras aureoladas de imortalidade, arquivado o seu pensamento e os seus desejos.

Cristo, porém, apesar de ser a figura máxima de toda a história, limitou-se a pregar e não reduziu a escrito a sua notabilíssima pregação.

Sabemos, no entanto, que as multidões famintas de verdade e de justiça corriam pressurosas a escutar as suas palavras — «palavras de vida eterna» — e que jamais alguém havia pronunciado.

Conhecemos, ainda, os milagres fulgurantes operados sob o império desse Verbo Divino.

Foi pela palavra, pregada ardorosamente por Jesus e seus apóstolos, que se realizou, sob o benéfico influxo da Graça de Deus, a conversão dos povos.

E esta palavra não era apenas norma de vida e lei para quantos a ouviam mas, era, do mesmo modo, incarnação absoluta manifestada na vida e

nos exemplos daqueles que, por chamamento divino, a pregavam.

Esta verdade, que toda a História confirma, é testemunhada pelos pregadores de Cristo que deram generosamente o seu trabalho amoroso ao apostolado e derramaram, em sacrifício glorioso, o seu sangue na defesa da doutrina cristã que anunciavam.

Que páginas maravilhosas, cheias de luz e de amor, se abrem perante o nosso olhar extasiado, ao contemplar as ruínas da Cidade de Roma onde se acolhem ainda, em silêncio impressionante e eloquente, a crença, a devoção e ardor dos primeiros cristãos!

Como essas pedras velhinhas e enegrecidas pelo tempo ou perdidas na confusão das destruições nos apontam a esteira luminosa traçada pelo exemplo magnífico de tantos mártires electrizados pelo halo misterioso que irradiava a pregação cristã!

O passado é voz portentosa a recordar-nos, no presente, a nossa timidez e a convidar-nos, em tom de clarim, para a luta contra o comodismo e a mediocridade, certos de que, como se exprimiu maravilhosamente o Papa Pio XII falando a Estudantes, «nada nos obriga mais a subir do que a vontade de fazer subir os outros».

Nada nos fará, conseqüentemente, viver intimamente e desassombradamente as verdades do cristianismo, mormente aquelas que para nós encerram os tesouros da Graça, como o desejo ar-

dente e irreprimível de sermos apóstolos e comunicar a luz aos transviados.

Na realidade, não se compreende um cristão que permita o paganismo à sua volta. Concretizando melhor, ninguém, de boa vontade e recta intenção, pode, porque é cristão, digamos mesmo, porque é bom e exemplar, cruzar os braços e esquecer aqueles que vivem no erro ou então se entregam còmodamente a um indiferentismo dulcificante.

Todo o homem, especialmente neste século em que a palavra de Cristo «a messe é grande e são poucos os operários» tomou uma acuidade impressionante e soa como clamor insistente, nesta hora desvairada e trágica em que o mundo contemporâneo se agita febrilmente, tem de ser apóstolo.

A pregação de Cristo é a maior necessidade do nosso século atómico. Sem ela tudo cairá na confusão...

Tem de ser ela a luz orientadora das consciências e o bálsamo suave de tantas amarguras dilacerantes.

*

E aquela antiga tradição de pregar e de levar a verdade aos povos através da palavra falada tem de se perpetuar através dos tempos. Os seus frutos maravilhosos são já da Igreja nascente e resplandecem divinamente na seara enormíssima do apostolado onde os missionários da Igreja, com

sacrifícios humanos transformados em radioso clarão de alegria, trazem as almas para Deus por sobre o caminho suave e ameno dos sacramentos. Nem a fé se obtém doutro modo, conforme a doutrina de S. Paulo.

E notemos que, naquela hora já longínqua mas sempre presente ao nosso espírito agradecido, em que Jesus Cristo enviou os Apóstolos e Discípulos, não os mandou escrever, mas sim, pregar e converter os povos baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Mais tarde, porém, na medida em que se iam dispersando pelo mundo, sentiram a necessidade de escrever, com a fidelidade que Deus patrocina, a doutrina do Senhor, para que os povos, embora a longa distância, pudessem sentir o significado profundo e inalterável dessa mensagem trazida do Céu à Terra pelo Filho de Deus.

Os Evangelhos são, por isso, a fonte autorizada e infalível onde encontramos as raízes da verdade católica dos sacramentos.

Por eles sabemos que Jesus Cristo — Autor da Graça — é também, o Autor voluntário dos sacramentos que instituíra para os homens e confiara, na tarde saudosa da Ceia, à guarda da Igreja afim de que Ela fosse, pelos séculos, o Porto de abrigo a todo o homem que vem a este mundo e que demanda o Céu.

Por meio dos Evangelhos todos poderiam ter presente, como doce consolação, a palavra caridosa de Cristo e de seus pregadores.

Os novos Apóstolos, que no decurso dos séculos recebessem o divino e honroso encargo de transmitir às gerações futuras o ensinamento da salvação, poderiam e deveriam socorrer-se das Escrituras para não caírem no risco de se afastarem do rumo traçado pelo Divino Fundador do Cristianismo.

É desta necessidade e desta conveniência que nascem os primeiros livros da Igreja.

Não são tratados académicos onde se note a preocupação estilística ou a disposição artística, mas são, na verdade, pequenos apontamentos dos discursos proferidos por Jesus e da pregação dos Apóstolos, onde se guardam, com toda a fidelidade, os milagres e sentenças do Divino Mestre.

São os evangelhos as páginas mais emocionantes e expressivas da literatura de todos os tempos. Neles encontramos manancial inexgotável de ideias preciosas.

E é nestes escritos que vamos encontrar a verdade histórica sobre toda a mensagem de Jesus Cristo.

Queremos, no entanto, indicar aos nossos leitores que pretendam sobre este assunto um esclarecimento mais perfeito a obra «Os Evangelhos e a Crítica Moderna» de João Leal S. J.

Estes documentos escritos aparecem no momento em que já fervilhavam no seio da humanidade os erros, as heresias e as confusões a respeito da pregação feita por Jesus. Há quem pretenda dar a conhecer essa pregação através

de outras obras conhecidas na literatura com o nome de apócrifas e sem fundamento verdadeiramente histórico e sem, sobretudo, a inspiração do Espírito Santo que é exclusiva dos Evangelhos consagrados na tradição.

As seitas dissidentes e o desejo de fazer proselitismo marcam, uma vez mais, a necessidade premente de conservar incólumes os Evangelhos.

E, assim, logo nos primeiros anos da Igreja e no decorrer da sua vida, vemos o interesse apostólico com que os Bispos e a Hierarquia Católica procuram defender estas fontes históricas onde nos é possível beber, em toda a sua pureza, a doutrina sobre Cristo e sobre a Igreja.

É nestes Evangelhos que encontramos toda a verdade a respeito dos sacramentos que o mesmo é dizer a respeito de todas as fontes da Graça Divina.

Só pelos sacramentos, na economia da salvação, nos tornamos participantes de Deus recebendo-os digna e frutuosa mente. E nesta realidade — que é divina — encontra-se todo o homem que vem a este mundo.

*

A Graça de Deus é-nos concedida através dos sacramentos. E toda a verdade histórica relativa a «estes canais da graça divina», como belamente se exprimem os santos Padres da Igreja, encontrámo-la claramente no Novo Testamento, cujo

valor histórico e divino não podemos, à face da crítica mais austera, negar.

Desde a instituição à eficiência e ao simbolismo, ao objecto material e à forma da administração, às disposições com que devem ser recebidos e às consequências da recepção, tudo isto, encontramos nessa fonte admirável e, por vezes, tão esquecida dos cristãos — a Sagrada Escritura.

Cristo que era Deus instituiu os sacramentos e conferiu-lhes o poder de serem transmissores da graça divina para o homem que os recebe em pureza de intenção e penitência de vida. Na verdade, este modo admirável de comunicar Deus às almas, de levar a luz às trevas do nosso espírito não é, como muita gente poderia supor, uma invenção piedosa e humana, com mero sentido simbólico, onde brilhasse, porventura, o engenho de algum sábio; mas é uma consoladora realidade onde transluz magnificamente a infinita bondade do Senhor para com o homem pecador.

E estas realidades divinas têm o seu fundamento nesse livro inspirado — a Bíblia — cujas palavras são estrelas de brilho peregrino e cujas frases são catadupas de luz a iluminar a humanidade.

Esta doutrina, tão séria e ao mesmo tempo tão agradável à nossa alma, viveu sempre em todo o seu esplendor no espírito dos povos cristãos e teve a salvaguardá-la dos ataques dos hereges e do malabarismo intelectual dos inimigos de Cristo, a voz autorizada e sempre solícita da Santa Igreja pelos seus Pontífices e pelos seus Concílios.

Era nestas assembleias de intelectualidade cristã que se discutiam, com sinceridade, independência e entusiasmo, os problemas de carácter religioso e se asseguravam os direitos imprescritíveis da Verdade.

Diante de tudo isto é oportuno entrarmos em serena meditação para reconhecermos o dever de nos prostramos diante de Deus e testemunhar religiosamente a nossa gratidão.

Só pelos sacramentos da Igreja nos pode ser aplicada a redenção sem a qual se torna impossível o ingresso no Céu.

E, afinal, para que estamos no mundo, para que nos sacrificamos tanto se não encontrarmos um destino seguro de Paz, de Felicidade e de Descanso?

O homem — romeiro de Deus — na sua peregrinação para a Vida topa, em todos os obstáculos ou facilidades do caminho, a realidade divina que valoriza a sua viagem e dá sentido à sua ascensão permanente.

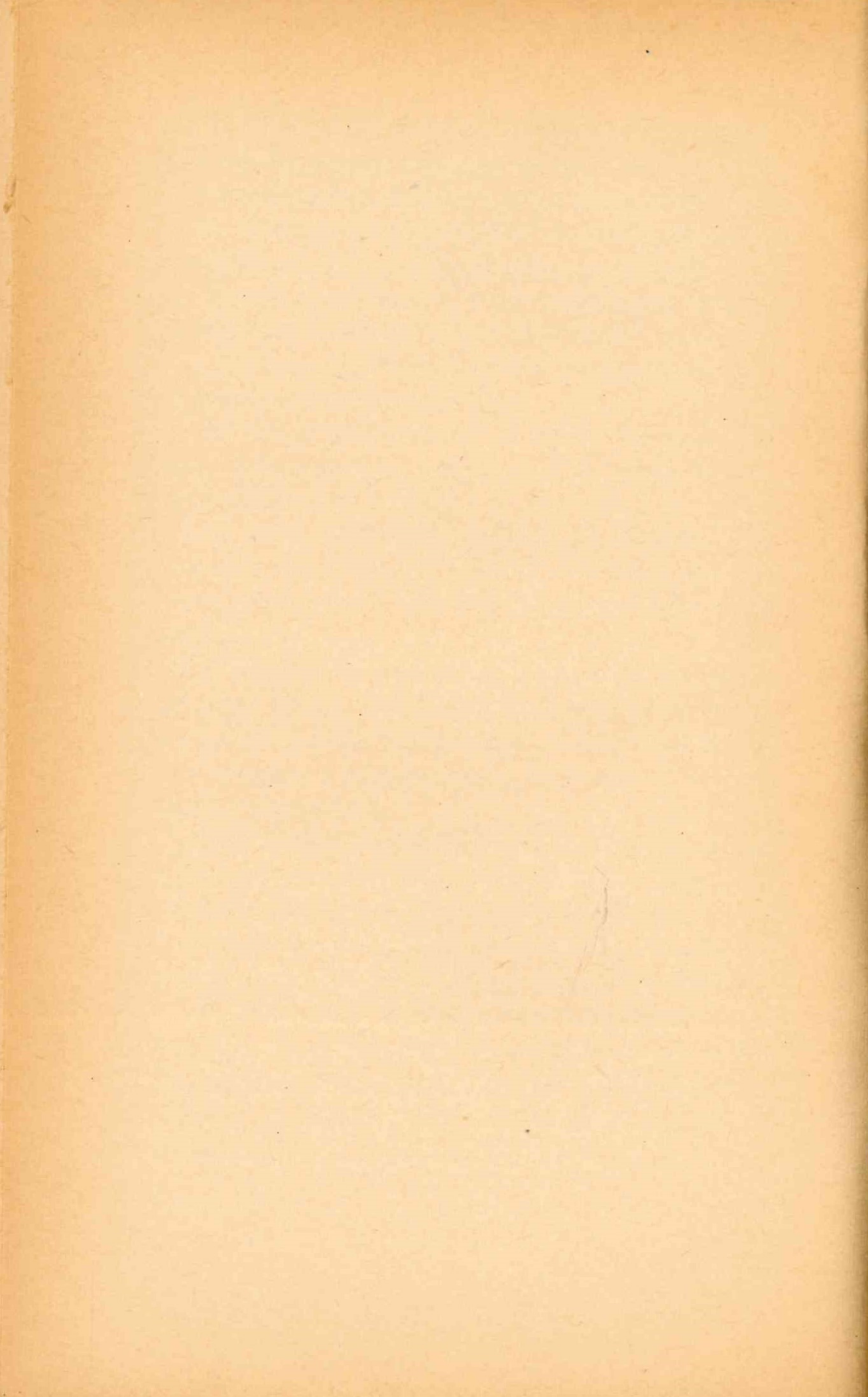
Não viemos ao mundo para vegetar ou arrastarmo-nos em caminhos lamacentos mas, sim, para subirmos, em glória e perfeição, até Deus.

Há-de ser na Sagrada Escritura que beberemos a « água da Vida » e a luz para a Eternidade.

O tempo é o grande inimigo das coisas deste mundo! Tem o poder de destruir quase tudo. No entanto, permanece com a mesma beleza e frescura a Verdade dos Evangelhos — Verdade Eterna.

Que consoladora realidade para os homens!

Podemos, apesar de todas as confusões deste século, ter a certeza da Verdade bebendo-a na Sagrada Escritura e no Magistério infalível da Igreja. Esta é, indubitavelmente, a maior felicidade dos católicos.



Não posso viver sem fé...

«A fé é um tesouro inestimável. Sem ela não tem verdadeiro sentido a vida. Pode dizer-se com Anatole France: se se rejeitam os dogmas da religião, não nos fica meio algum de saber por que se está neste mundo, e o que se veio cá fazer.

A fé torna fortes os fracos, corajosos os tímidos, perseverantes os volúveis. É força para o martírio e para a vida de todos os dias.

Os seus efeitos, no tempo dos mártires, em todos os tempos, são palpáveis e maravilhosos.

Sem fé, em momentos trágicos de sofrimento, negro e adverso como a própria desgraça, o mundo seria um gracejo doloroso e sinistro».

Trindade Salgueiro

Papel da Vontade na Educação, pág. 209

○ Cristianismo é monumento de Verdade!

Na claridade da sua doutrina transcendente e humana; na doçura dos preceitos que propõe ao homem, romeiro deste mundo; no consolo irradiante da certeza que encerra o mistério da sua doutrina anunciada em profecias e confirmada eloquentemente com milagres, transluz, suavemente, a Verdade.

E na vida humana, ferida pela miséria da sombra obnubilante, nada exerce tanta sedução e encerra tanta luz como a certeza da Verdade.

É longa a história do magistério!...

Quantas escolas, quantas obras de erudição, quantos doutrinadores aureolados do prestígio da sabedoria para entregar ao homem — romeiro da ansiedade — a modos de tesouro, o prazer da verdade que se consubstancia na Luz.

O Cristianismo é monumento de Verdade!

Na edificação desse monumento, cada um a seu modo, com missão desigual, embora concernente ao mesmo fim, trabalharam duas figuras notáveis: João Baptista e Jesus Cristo.

*

João Baptista prepara, em clarões de penitência e rajadas de sofrimento, o caminho que a passagem de Jesus Cristo iluminará docemente.

João Baptista é o Precursor, cuja palavra ardente é trovão a ressoar nas imensidades sibilantes do deserto e o exemplo concreto e vivo da penitência e austeridade que insinua nas suas rudes, mas, convincentes pregações.

É grande entre os grandes da História mas não faz milagres para que Cristo — o Verbo de Deus — resplandeça em Glória e Luz.

Dá, porém, o exemplo magnífico da sua vida impregnada de martírio e anelante de infinito.

Esconde-se na mortificação e no seu rosto penitente, rasgado pelos estigmas da amargura, tremula sempre a estrela da humildade.

Anuncia Alguém de que nem se julga digno de desapertar as correias das sandálias.

Que distância entre João Baptista e Jesus Cristo!...

E, no entanto, trabalham para o mesmo fim: levantar entre os homens o Reino de Deus.

*

Apesar desta vida exemplar do Santo Penitente os homens não o acreditaram e julgaram-no possuído do demónio, do mesmo modo, que, mais tarde, à vista dos prodígios assombrosos de Cristo,

fecharão hermèticamente o coração e cerrarão os ouvidos.

Não O acreditaram!

*

Que dor imensa a do homem que não crê.
O orgulho ensina-lhe que a fé é uma fraqueza,
ou então, o refúgio cómodo dos ignorantes.

O homem acredita esta palavra e procura vê-la. Bem depressa acorda para a realidade.

Tudo à sua volta e dentro de si proclama a inanidade desta doutrina.

A sua consciência angustia-se perante este problema e reconhece que toda a vida é baseada em actos de fé.

A luz do homem acende-se por uma crença.

O homem ensina o outro homem e este acredita firmemente desde que o mestre tenha ciência e probidade moral.

O homem vagueia pelo mundo interrogando os seres e as coisas. Tudo lhe aparece misterioso. Acredita, no entanto, que poderá desvendar esses mistérios — esses mistérios que envolvem a sua vida inteira — e consulta e esforça-se e, finalmente, a luz resplandece.

Contempla o firmamento em noite de serenidade e vê milhares de estrelas.

Há, no entanto, mistério! Milhões de estrelas que não vê e outros conseguem conhecer. O telescópio ensina mais do que o homem sabe e este acredita, agora, sem dificuldade.

Ouve a palavra de Cristo aos Apóstolos: «Ide por todo o mundo: pregai o Evangelho a toda a criatura; quem crer e for baptizado será salvo; quem não acreditar será condenado».

Sem fé é impossível agradar a Deus!

Tudo nos diz que a fé é necessária à vida, desde a voz autorizada dos Profetas ao testemunho infalível de Cristo e à doutrina da Igreja pelos seus Concílios. Por outro lado admiramos essa multidão de sábios ajoelhados diante dos Céus a proclamar, em humildade, o seu acto de fé.

Copérnico, o pai da astronomia, orando permanentemente a sua prece diante da harmonia cósmica: «só Deus podia ordenar com tanta perfeição os mundos...»

Kepler exprime o seu eterno saudosismo de Deus nesta verdadeira oração: «agradeço-vos, meu Senhor e Criador, que pela luz da natureza excitaes em mim as saudades da luz da graça, para me exaltares à luz da Glória».

Nowton, o maior sábio de todos os tempos, rezava muitas vezes esta admirável pregação: «A ordem admirável que vigora entre o sol, os planetas e os cometas não pode ser senão a lei de um Autor Sábio e Onnipotente».

Cauchi, o grande matemático francês, deixou, depois duma vida inteiramente dedicada à Igreja, esta gloriosa confissão: «Sou cristão, isto é, creio

na divindade de Jesus Cristo como Copérnico, Descartes, Nowton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Euler, Boscovich, Gerdil; como todos os grandes astrónomos; como todos os grandes matemáticos dos séculos passados... Sou, também, católico como a maior parte deles, e se alguém me perguntasse pelos motivos da minha fé, de boa vontade lhos indicaria: veria, então, que as minhas convicções são o resultado, não de preconceitos herdados, mas, sim, de um profundo exame. Sou católico sincero como o foram Corneille, Racine, La Bruyere, Bossuet, Bourdalloue, Fenelon; como o foram e ainda em grande parte são os homens mais distintos da nossa época, os que mais honra têm feito à ciência e os que mais têm ilustrado as Academias».

Volta, segundo nos informa um dos seus biógrafos, assistia à Missa todos os dias e, aos Domingos, de tarde, explicava o Catecismo a crianças que reunia à sua volta.

Ampere, nas suas notáveis conferências, dizia muitas vezes: «Oh, como Deus é grande e quão mesquinho é todo o nosso saber».

Pasteur morre abraçado ao Crucifixo... Quantos sábios, literatos, cientistas, músicos, poetas viveram a fé em Deus e na Igreja. Seria fastidioso enumerá-los aqui. Rafael, Miguel Ângelo, Murillo, Palestrina, Mozart, Beethoven, Weber, List, e milhares e milhares de nomes que todos conhecemos e admiramos.

Todos estes viveram escudados na fé.

Na realidade só há duas espécies de seres que não crêem: os irracionais e a Divindade!

Uns porque nada podem ver... Outro porque tudo lhe é presente.

A vida e a experiência de cada um, porém, afirmam-nos que não é possível viver sem Fé!

Sem fé, em momentos trágicos de sofrimento, negro e adverso como a própria desgraça, o mundo seria um gracejo doloroso e sinistro, como escrevera o notável pensador católico D. Manuel Trindade Salgueiro, e a vida, a nossa vida, não teria sentido, nem luz, nem amor.

Não morreremos . . .

«Acreditamos no sentido profundo, grandioso de toda a história, na correspondência e na harmonia das coisas da terra e das do Céu, das forças do espírito e das de Deus, acreditamos em tudo isso, definitivamente, com a mesma energia com que acreditamos em nós mesmos. Acreditamos em tudo isso porque, com o instinto do nosso próprio sentimento vital mais elementar, nos recusamos a admitir que o mundo e todas as suas realidades não sejam apenas senão sentido e nada; com mais forte razão: que apenas sejam mal.

A nossa crença na imortalidade é fundamentada, neste aspecto, sobre as nossas exigências vitais ».

Karl Adam

Jesus Cristo, pág. 304

NADA se perde na vida do homem!

Todas as acções, por mais insignificantes, têm um fim em vista.

Porque inteligente o homem trabalha de olhos postos num objectivo que acarinha.

Não opera cegamente.

Seria loucura entrar num carro e partir sem saber para onde, como é insensatez entrar no carro da vida, e não curar de saber de onde vi-
mos e para onde vamos. O nosso destino é problema sério e digno de meditação.

Se tudo termina com o derradeiro alento ou se, para além desta vida, conforme aspiração íntima e irreprimível da alma, alguma coisa temos a esperar, não faz sentido uma vida de indiferença e de permanente fastio das coisas espirituais.

Uma serena meditação conduz-nos, com presteza, a encarar com seriedade o problema da imortalidade. Recordo aquella cena arripiante ocorrida numa das campanhas de África e que o escritor Albert de Mun evoca num livro de Memórias: «ao cair silencioso da noite ouviu uma voz deses-

perada que aflitivamente o chamava. Era um soldado agonizante que o interrogava em voz aflita e pungente: «Doutor, digei-me se há uma eternidade!»... Voz dum soldado que concretiza o grito clamoroso ou ânsia surda e aflitiva da humanidade inteira.

Na verdade, se há uma eternidade será a essa luz que tem de ser considerada toda a minha vida. Os meus passos, pensamentos e actividades serão encarados sob o prisma da vida eterna. Se ela, porém, não existe há que aproveitar, em gozo e delícia, tudo quanto a vida nos possa oferecer. Há que amaldiçoar a dor e desprezar os que sofrem só pelo facto de causarem amargura à sua volta. A vida terá de ser, nesta hipótese, uma alegria perene, um sorriso constante, uma satisfação omnímota do homem. Não haverá barreiras nem lei e o homem dará inteira satisfação aos anseios do espírito e às solicitações da carne...

O problema é angustioso e decisivo.

Aquela palavra, dramática e luminosa, do grande jornalista francês Luis Veuillot — oração e epitáfio para gravarem no seu túmulo — «acreditou e agora vê» — põe à consciência humana o problema da existência duma vida eterna. Essas palavras antecedidas por esta oração «depois da oração final, colocai sobre o meu túmulo uma pequena cruz», manifestam uma crença bem igual, em ansiedade, à que todos os homens sentem intimamente embora, na prática, vivam como se ela não existisse.

A crença na vida eterna é tão antiga como o homem. Não foi em vão que Deus o fizera à sua imagem e semelhança. Esta semelhança não será de corpo — que Deus não tem — mas, antes, a da alma que não morre.

Perdida nas sombras do passado brilha docemente a certeza da imortalidade.

Anda inserta no coração humano e prepara-nos para a aceitação duma vida semeada de tormentos. Os povos mais remotos demonstraram, com modos bem ternos, a sua crença na vida eterna, preparando, com toda a solicitude e mimo, os túmulos dos seus mortos.

Mastabas, Piramides e Hipogeus são monumentos eloquentes que atestam através dos séculos a crença na imortalidade.

Sobre estes monumentos, como estrelas de luz, estão inscritos epitáfios comoventes e que, dum modo impressionante, sintetizam a fé no Além Túmulo.

Até os pagãos, cuja vida, por vezes, era a negação de todo o espiritual, sentiram no mais íntimo do ser, como nós sentimos, este desejo incoercível de imortalidade.

Impressionante e dramática a palavra do filósofo Sócrates: «Pensais enterrar-me?» Podereis enterrar o meu corpo, mas, *nunca me enterrareis* ».

Só o facto, conforme raciocina Cícero no *De Imortalitate Animae*, de todos se preocuparem

com o que haverá depois da morte, é prova ineludível da existência da vida eterna.

A própria ciência — porque ciência — admite a existência da alma imortal e, conseqüentemente, duma vida supra terrena.

Há em nós tantas razões para admitirmos a vida eterna que seria fastidioso enumerá-las. O homem é capaz de ter pensamentos, de sentir a beleza, de desejar o encanto, de compadecer-se com o alheio sofrimento.

Admira o sol e as estrelas e sente, ainda, a dor da própria natureza, nos seres e nas coisas. A existência da alma humana exige a vida eterna.

Esta crença foi, ainda, reforçada pela insistente pregação de Jesus Cristo. Na evangelização cristã é ponto dominante o da imortalidade e preocupação ardente a preparação para a Vida Eterna. « Vigiai e orai porque não sabeis o dia nem a hora ». Mas se tudo termina com a morte para quê o conselho de Jesus ?

Dessas palavras, irradiantes de bondade, deduz-se a existência duma vida que se prepara no tempo. « Trabalhai para a vida eterna » porque é largo o caminho que conduz à perdição »; são, ainda palavras de revelação cristã.

Quantas vezes o Mestre, na sua doce passagem pelo mundo, pregou esta doutrina da eternidade ! Ouviram-no extasiadas as multidões, escutaram-no os apóstolos e parecem ter bebido a sua doutrina as torrentes murmurantes do Cédrão e as águas serenas do tranquilo Mar de Tiberíades.

A sua pregação sublime continua a ecoar através dos tempos e sente-se, palpitante de vida e de mistério, nas terras palestinese e nos recantos da Samaria. Em cada recanto do mundo, onde o homem atormentado pelo desalento procura um refúgio de solidão, parece, nesse momento de nostalgia, ouvir-se a palavra de Cristo, com o mesmo frescor e graça, como a ouvira, junto do Poço de Jacob, em terras da Samaria a pobre Samaritana. « Se conhecesses o dom de Deus » ...

Nesta palavra magoada de Cristo esconde-se o segredo dum caminho de eternidade... Doce pregação que enchia as almas, iluminava os caminhos e serenava as consciências. Ainda hoje, à distância de vinte séculos, o evangelho — a boa nova do Senhor — exerce sobre os espíritos a mais doce e enleante consolação.

É que tudo quanto o Mestre disse, nesse apostolado ardente, esgotante e benfazejo, não se compreenderia sem a existência da vida eterna. Aliás o nosso espírito reclama um mundo melhor de justiça e de compreensão.

Tinha razão Pascal quando sentenciava: « não é preciso ter uma inteligência muito culta para compreender que todos os prazeres não passam de vaidades, que os nossos males são infinitos e que a morte nos ameaça constantemente atirando-nos para a Eternidade ».

A grandeza de Deus, que ultrapassa toda a palavra humana e escapa a todos os raciocínios, exige da nossa mente a crença na vida eterna. Sòmente uma vida futura, em que se manifeste a justiça e se viva inteiramente a caridade, demonstrará cabalmente o poder de Deus. Quantos desalinhos na vida, quantas traições, quantos pecados, quantas injustiças que neste mundo ficam sem castigo ao lado de tantas e tão boas obras, de tantos sacrifícios e heroísmos esquecidos e desprezados...

Se Deus existe—e ninguém o nega—«os céus e a terra proclamam a sua glória»—como se admite este desequilíbrio real e observado na vida? Só a certeza da Vida Eterna, onde o pecado é justamente castigado e o bem recompensado, dá inteira satisfação à nossa inteligência.

A bondade de Deus reclama, por seu turno, a existência ultra terrena do homem.

São inúmeras as humilhações que pungem a humanidade até mesmo em contraposição com os outros seres. O homem, se privado da vida eterna, seria o mais infeliz, o mais desventurado dos seres. E Deus, por sua vez, seria duma crueldade sem nome, exactamente por criar no homem esta premente aspiração espiritual sem possibilidades de realização.

Deus é Justo e Bom e não deixa a virtude sem glória e a generosidade sem prémio.

Que linda oração a de Arany: «quando vires e sentires a desgraça a pesar sobre os ombros da justiça e contemplares a virtude e a inteligência espezinhadas; enquanto o pecado causar inveja e a sorte do néscio for um vergel neste mundo, põe a tua religião na balança e, juntando as mãos, reza, meu filho.»

Reza porque Deus é Justo! Reza porque Deus é Bom!

E nessa oração, ao mesmo tempo desabafo de alma e súplica do coração, encontrarás o melhor alívio para a tua dor...

Dessa oração simples e humilde, de inteira conformidade com a Divina Vontade, nasce, em luz e glória, a certeza duma Eternidade. Será aí, nessa vida infinda, que o homem, medidas as suas acções e pesados os seus merecimentos, encontrará o Destino. E nesta peregrinação, que nunca será muito longa embora possa ser muito dolorosa, a presença de Deus a envolver-nos permanentemente.

O teu problema, leitor amigo, não é outro senão o de congregar a vida com Deus.

Nele está a plenitude da imortalidade!

A chave da porta do Céu

«O homem nasce na consciência, cresce com ela, é corpo e alma com ela, faz-se espírito, sacrifício, humildade, heroísmo e santidade, graças à fidelidade com que a serve e à submissão com que a venera. Na obra do escritor ou do artista, na meditação do filósofo, na visão rescendente do místico, no sentimento da honra e do dever, no amor e na amizade, ela confessa a sua presença e mais do que isso — a sua inspiração».

Joaquim Manso

A Consciência Abandonada, pág. 180

DOS sofrimentos de Cristo através da sua vida, e da sua Morte no cimo do Calvário, nessa tarde cinzenta de sexta-feira santa, resultou a salvação da Humanidade.

Morreu para que o homem pudesse viver.

A nossa vida, por isso, só é realidade quando unidos a Nosso Senhor Jesus Cristo. E, neste caso, passa a ser realidade divina.

Vivemos em Cristo pela graça de Deus que nos é transmitida, em toda a sua divina plenitude, no momento em que recebemos o sacramento do Baptismo.

Quis Deus, na economia do sobrenatural, que a salvação nos fosse proporcionada pelos sacramentos da Santa Igreja de tal sorte que pensar em felicidade fora da Igreja de Cristo é ilusão falaz e de trágicas consequências.

O Baptismo é a chave que abre ao homem a porta do Céu e lhe permite o ingresso nos inexgotáveis tesouros de Deus.

Sem Ele não podemos obter a salvação.

Evidentemente que não excluímos o baptismo de sangue ou de desejo por si suficientes, como ensina a doutrina católica, para a regeneração humana.

São absolutamente claras e definitivas as palavras de Cristo ditas um dia a Nicodemos quando este, ao cair silencioso da noite e fugido à curiosidade dos homens, O fora consultar sobre o destino atormentante do homem: «só o que renascer da água e do Espírito Santo entrará no Reino de Deus».

Nicodemos pareceu não compreender o sentido desta afirmação categórica do Mestre, apesar de ser mestre em Israel... E, apesar disso, Jesus insiste e Nicodemos começa a sentir no espírito a claridade dum rumo... dum rumo que é necessário seguir...

Quantos de nós, que peregrinamos neste imenso deserto da vida, queimados pelos ardores da dúvida, andamos a interrogar permanentemente sobre o destino que nos espera? E, no entanto, a essa ânsia de tortura parece terem respondido suficientemente as palavras proferidas a Nicodemos.

O sofrimento e a incerteza são luz escaldante a apontar-nos alguma coisa de eterno, de permanente para além das materialidades obcecantes da vida terrena.

A palavra de Cristo ao mestre que o procura, na serenidade enluarada daquela noite palestinese, é a mensagem mais consoladora para quan-

tos homens vagueiam na senda deste mundo em ânsias de dúvida e tormentos de incerteza...

E esta mensagem divina, mas cheia de humanidade, concretiza-se no mandamento do amor e tem o seu fundamento essencial no baptismo conferido pela Igreja.

« Só o que renasce da água e do Espírito Santo entrará no Reino dos Céus ».

*

Da absoluta necessidade do baptismo para a salvação, claramente preconizada por Cristo e transmitida pela Igreja Docente, devemos concluir da grande importância do primeiro sacramento não só em ordem à nossa santificação mas também à possibilidade de recebermos os restantes sacramentos que são, na adequada expressão dos Santos Padres, « canais da graça divina ».

O Concílio de Trento afirma, por sua vez, que o baptismo é inteiramente indispensável à salvação de tal sorte que as criancinhas que morrem sem ser baptizadas não podem ir para o Céu, embora, porque destituídas do uso da razão, não sejam condenadas ao Inferno como acontecerá ao adulto que pertinazmente se mantivesse na infeliz ideia de não consentir em ser baptizado.

É de notar a bondade que flue da doutrina da Igreja. As criancinhas que inculpavelmente adormecem para esta vida manchadas da culpa original não serão condenadas ao eterno sofrimento mas

permanecerão numa felicidade inteiramente congruente com as suas aspirações naturais, tal como acontece ao homem que desconhecendo a religião revelada observasse totalmente a lei natural.

Porém, só entrará no gozo duma felicidade sobrenatural aquele que for baptizado e cumprir na sua vida, com docilidade, os ensinamentos da Igreja Católica. É que sem a graça de Deus não se pode vestir a túnica branca que nos confere o direito de entrar no Céu.

*

Nunca saberemos agradecer devidamente o significado destas palavras: «possuir a graça de Deus».

A Graça é o que há de mais excelente nos tesouros divinos; é um dom que torna o homem participante da natureza divina.

E notemos o sentido magnífico da palavra participar, isto é, tomar como nossa uma perfeição que pertence a outrem, assenhorearmo-nos da Vida de Deus.

São bem claras e expressivas as palavras que Nosso Senhor dirigiu um dia a Santa Teresa: «Se visses a formosura duma alma em estado de graça o teu corpo quebrava-se como um vaso de argila por não poder suportar a beleza de que todo o ser ficaria inundado».

Estas palavras, onde paira o halo misterioso do amor incompreendido, tem uma realidade irrefutá-

vel e produzem na alma de todo o homem que trabalha honestamente e que se debruça sobre os livros em estudos aturados uma felicidade verdadeira.

Por isso, as escrevemos e as deixamos à meditação de quantos lerem estas páginas descoloridas mas sinceras.

Estamos certos de que elas hão-de fazer bem a todos, mesmo aos que, por educação ou estudos inacabados, ainda vivem longe da Igreja numa desatenção perdoável dos deveres espirituais da alma. Para eles, também, há-de soar a voz do apelo de Deus. A chamada terá como resposta pronta e generosa a presença de todos os filhos de Deus.

*

O estudo da Graça, ou concretizando melhor, a habitação em nós do Espírito Santo, é dada pelo sacramento do baptismo que produzindo, por si mesmo, esta grande felicidade tem, ao mesmo tempo, um simbolismo impressionante e sugestivo.

Baptizar significa mergulhar na água e consequentemente lavar.

É da história que os povos antigos usavam da água para as suas purificações religiosas afim de serem agradáveis aos deuses.

É, por isso, que para baptizar se derrama sobre o neófito a água pronunciando simultâneamente as palavras rituais.

Desde que recebemos o baptismo opera-se em nós uma transformação maravilhosa.

Até ali éramos sujeitos ao demónio por lhe pertencerem todos os mortais manchados do peccado grave e desde que fomos baptizados passamos a ser filhos de Deus pela graça divina.

Este é, por isso, o primeiro efeito do baptismo, isto é, apagar a culpa original.

No acto do baptismo é-nos dado um nome que significa, na realidade, que somos introduzidos numa nova vida, a vida da Igreja onde passamos a ter personalidade.

Este magnífico simbolismo traduz luminosamente uma realidade concreta: precisamente a inserção do homem em Cristo — o grande prodígio da graça em benefício da humanidade.

Daqui é fácil advertir o cuidado que a Igreja tem em que as criancinhas sejam baptizadas dentro do mais breve espaço de tempo após o seu nascimento, e que os adultos sejam devidamente instruídos afim de se tornarem aptos para o baptismo. Essa grandiosa epopeia de que Portugal é magnífico representante, escrita com sangue de martírio e esforço de heroísmo, nas cinco partes do Mundo, denuncia, nem mais nem menos, a ânsia irreprimível dos povos cristãos em inserir em Cristo aqueles que vivem em trevas de erros e em adorações de falsos deuses.

A água do Baptismo, benzida no Sábado Santo e na Véspera do Pentecostes e misturada dos óleos sagrados, realiza o milagre da purificação.

Enquanto se procede ao baptismo realizam-se muitas cerimónias cheias de simbolismo cristão. Assim o Sacerdote impõe sobre o neófito as suas mãos consagradas e faz, sobre ele, um pequeno sopro que simboliza a expulsão do demónio e a descida do Espírito Santo.

Quantos homens, nesta época febril, conseguem advertir nesta doce realidade!...

A unção com óleo, na cabeça, indica a dignidade real que o baptizando adquire; a veste branca é o símbolo da graça santificante e os círios acesos exprimem a luz da bemaventurança de que ficamos participantes por este sacramento.

Não pretendemos, como facilmente se infere do sentido deste trabalho, fazer uma exposição circunstanciada de todas as cerimónias deste sacramento da Igreja, embora isso fosse de grande utilidade para todos, mas sòmente acordar a consciência dos leitores para esta realidade divina que quase sempre esquecemos.

Em horas torvas de luta e em momentos desesperantes de angústia talvez nos sirva de consolação e talvez possa lenir a nossa dor a recordação destas verdades.

Compreendemos que muitos cristãos, absorvidos pelas preocupações da vida terrena e tantas vezes arrastados para o materialismo da vida, vi-

vam inteiramente alheios a estas divinas realidades e, por isso, com os olhos postos nessa grande parte da Humanidade, escrevemos algumas páginas que lhes hão-de ser úteis com certeza.

Missão sublime...

«É bem certo que a história duma vida humana, mesmo se excluirmos as circunstâncias exteriores que a distinguem de todas as demais, não repete a história de outra qualquer.

Repeti-lo-ia se o homem fosse uma formiga ou uma abelha. Há homens formigas e homens abelhas, sem dúvida, como há mulheres cigarras e mulheres borboletas. Mas os símbolos nunca passam de símbolos. E, na realidade, a grande beleza da nossa vida é que não basta conhecer o homem, para conhecer este homem».

Alceu Amoroso Lima

Idade, Sexo e Tempo, pág. 20

A missão dos padrinhos do baptismo é importantíssima.

Nem sempre nos apercebemos disso. E, no entanto, eles são perante a Igreja os fiadores da fidelidade daquela criancinha.

Ao pronunciarem certas palavras do ritual assumem conscientemente perante Deus responsabilidades graves que andam, entretanto, acompanhadas de honras verdadeiramente apreciáveis.

É absolutamente indispensável um padrinho embora a tradição haja consagrado o uso comum de dois padrinhos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

A um e a outro são impostos certos deveres de carácter material para com o afilhado, deveres aprovados pelo uso comum e geral. Entretanto, basta, para a lícita e válida realização do baptismo duma criança, um só padrinho que esteja nas condições exigidas pelo direito canónico ou pelos legítimos costumes aprovados pela legislação eclesiástica do lugar.

O padrinho é, perante a Igreja e a sociedade, o fiador do afilhado e ao assumir essa função contrai a obrigação de, na falta dos pais, prover à sua educação e velar pela sua formação espiritual e católica.

É, por isso, que só os católicos podem ser admitidos a desempenhar essa nobilíssima missão.

Há muitos pais, sem verdadeira formação religiosa, que têm a preocupação de convidar para padrinhos de seus filhos pessoas ricas embora sem sentimentos cristãos. Querem os padrinhos unicamente com o fim de receberem prendas valiosas para o filho e esquecem totalmente a principal função do padrinho que é, com o seu exemplo e acção, promover a educação religiosa e moral do afilhado.

*

Quando o sacerdote perguntou à criancinha se acreditava em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra, respondeu o padrinho dizendo: sim, acredito.

Ele foi a voz do neófito e, por isso, tem obrigação grave de fazer com que, mais tarde, esse menino agora baptizado, nunca desminta esta afirmação.

É o fiador dessas palavras tão solenemente proferidas no momento da cerimónia baptismal. A esta promessa feita à Igreja é necessário, pela vida fora, dar inteiro e generoso cumprimento. E não é difícil induzir o papel importante que o padrinho tem no cumprimento dessa obrigação.

A tradição afirma que o padrinho é o pai espiritual do afilhado e assim se compreende que entre os padrinhos e os pais do afilhado se use o tratamento de compadres, palavra que implica afinidades espirituais que se concretizam na identidade de missão.

A disciplina da Igreja exige que os padrinhos, além de batizados e católicos, tenham bons costumes e vivam de harmonia com as leis eclesiásticas.

E, assim, não aceita para desempenhar esta função os que vivem escandalosamente, embora se afirmem católicos e hajam sido batizados.

Isto demonstra o cuidado, a solicitude verdadeiramente maternal da Santa Igreja em defender o futuro espiritual dessa criança impedindo que o mau exemplo dessas pessoas venha a influir directamente na sua formação.

Sabemos, por experiência própria, o ascendente moral que têm sobre nós os padrinhos.

São, por isso mesmo, dignos da mais áspera censura aqueles pais que convidam para serem padrinhos de seus filhos pessoas de moral duvidosa e que mais tarde hão-de servir de escândalo aqueles a quem deviam dar os mais santos exemplos.

É fácil resvalar no caminho da vida... A carne, na expressão escriturística, é fraca. Mas é muito mais débil quando diante do caminho está um mau exemplo onde deveria estar uma luz e um rumo para o Bem.

Resolvemos abordar este assunto, embora sem grandes explanações, porque o julgamos da maior oportunidade para os nossos dias.

Se os pais tiverem a noção exacta das suas responsabilidades não criarão situações embaraçosas a seus filhos que mais tarde se ressentirão dos exemplos dados pelos padrinhos do baptismo.

*

E se é certo que uma juventude bem preparada origina uma vida feliz não é menos verdade que o futuro dum homem, no que se refere à sua formação católica e sobrenatural, tem de começar no despontar da sua vida e não pode furtar-se à influência dos exemplos propinados por quantos o rodeiam.

Os primeiros exemplos que verificamos ficam indelêvelmente no nosso espírito e não raro determinam um rumo e um caminho que, se é mau, só mais tarde e difficilmente conseguiremos debelar.

É forte e decisivo sobre o espírito humano o influxo dos primeiros conhecimentos e das primeiras imagens.

Ora os pais e os padrinhos, por natureza ou por função, são, por assim dizer, os educadores daquela criança que um dia, ao sentir-se livre na vida — liberdade que terá limitações reais embora invisíveis — há-de certamente, ressentir-se daquilo que lhe ensinaram e será o resultado posi-

tivo do ambiente familiar, social e religioso em que passou os primeiros anos da sua vida.

Essa educação para ser forte e duradoira tem de se alicerçar no amor de Deus.

É que não há nada tão precioso na vida humana como o amor de Deus...

Só Ele dá sentido verdadeiro e construtivo à permanente inquietude que atormenta a alma humana. A grande epopeia das benemerências humanas tem, no amor de Deus, a sua mais lídima e genuína origem.

E são os padrinhos que, com o seu conselho amigo e luminoso exemplo, hão-de despertar na alma da criança e do adolescente o desejo de perfeição.

Por experiência própria sabemos que no espírito do homem desperta, mais cedo ou mais tarde, uma ansiedade indefinível e atormentante.

*

Os sábios e ignorantes, os potentados e os humildes, sentem permanentemente um anseio no seu espírito... A luta de todos os dias, no campo e na oficina, no escritório e na fábrica, nos laboratórios e no segredo das celas, na terra, no mar e no ar, dá-nos a medida exacta da ansiedade e do desejo incoercível que atormenta o homem. Desde todos os tempos e em todos os lugares da terra os homens buscam a felicidade e a paz para

os seus espíritos. E, nem sempre, a felicidade está naquilo que o homem escolheu.

Acontece, por vezes, que no momento em que o homem está a saborear o fruto da ventura ele lhe sabe estranhamente a fel amargo...

Nem sempre as aparências correspondem às realidades...

No prazer sonha o homem uma ventura...

Na glória entrevê uma coroa imortal...

No poder imagina a felicidade perene...

Na doçura de certas palavras e na música dulcificante de certas sereias imagina uma redenção...

A História e a experiência vieram escancarar-lhe a verdade.

E as lágrimas que lhe queimaram o rosto e lhe amarguraram a alma, após as decepções sofridas, vieram dizer-lhe que a felicidade desejada e sonhada teria de se encontrar noutro lugar muito diferente daquele em que sofregamente se engolfou.

Sendo o homem imagem de Deus vive constantemente a ânsia do mesmo Deus, como o búzio, em canção de dor, vive a nostalgia do mar...

Era, afinal, aquilo que santo Agostinho — punhado de tormentos tão amargos — dizia: « o meu coração só encontrará repouso em Deus ».

Assim é, na verdade!

Só em Deus seremos ditosos. Só n'Ele terão resposta satisfatória as constantes interrogações do

nosso espírito e encontrarão sentido as lágrimas que, por vezes, nos queimam o rosto.

Na maravilhosa história de tantos Santos — almas sublimes que viveram esta verdade — encontramos a mais preciosa lição de luz e o mais sereno e convincente exemplo para seguirmos na nossa vida.

Amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo vendo nele a Deus — eis o supremo ideal e a mais completa aspiração da nossa alma.

*

Pois este ideal sublime de perfeição que tranquiliza o nosso espírito, o nosso anseio íntimo e por vezes dilacerante, é preparado nos alvores da nossa vida e nele têm decisiva importância os padrinhos do baptismo.

Por isso tratamos este assunto e quisemos insistir, embora sem preocupações de erudição nem mesmo de elegâncias, mas com o escopo definido de contribuir, na medida do possível, para ajudar a enriquecer a cultura religiosa dos portugueses que, muitas vezes, acusa indícios de lastimosa decadência...

Aí ficam essas frases soltas, possivelmente apagadas, mas que a sinceridade ditou e a recta intenção de ser útil impeliu a escrever.

Nelas está uma luz e define-se um caminho.

Embora possam enfastiar os homens deste século — em grande parte habituados a leituras onde

a liberdade é licença e as ideias se coadunam com os instintos — estas páginas cumprem uma missão de premente realidade humana e divina. Ninguém poderá negar que este assunto se prende inteiramente à vida de cada homem.

**O cansaço da humanidade
do século vinte...**

« Há fome na terra. Os trabalhadores não têm pão nas suas mesas nem dinheiro para a educação, vestuário e calçado dos seus filhos ».

« A chamada « alta sociedade » decompõe-se num lamentável colapso moral ».

« Tornou-se sombria a nossa hora ; até os raios do sol que nos alumiam se tingem de sangue, se entremostam agónicos ».

« Eu não amo o banquete da vida.

O meu fastio chama-se cristianismo ; recuso-me deslumbrantemente, por isso, a adorar o Bezerro de Ouro. Confio na vitória próxima do espírito, da justiça, da lealdade ; isto é, na nova Ressurreição de Cristo ».

Manuel Anselmo

A Traição dos Cristãos
in Cadernos, Vol. I-1951

TREMO ao ter de escrever este capítulo...

Serei rude e escandalizarei os leitores com o realismo impressionante da descrição das misérias da época em que me foi dado viver?

Serei demasiadamente cauteloso e benévolo até ao ponto de esconder «por sob o véu diáfano da fantasia» ou o amoroso doce das palavras suaves, a asquerosidade da vida sensual, materialista e dessorada desta época?

Tremo, na verdade, ao ter de abordar este aspecto doloroso da Humanidade. No entanto e apesar de todas as dificuldades, não hesitarei, embora aponte só as causas do mal e a fundamental razão do cansaço da Humanidade.

Dum modo especial, por me parecer base de todo o problema em equação, frizarei o cansaço da Humanidade perante um ideal de grandeza e a fascinação da altura.

A Humanidade, na sua tormentosa e longa peregrinação, ferida pelos erros e tragédias dos sé-

culos, apresenta-se, hoje, aos olhos de quem atentamente a observa com um ar de cansaço, de fadiga, de passividade doentia. Braços caídos e olhos semicerrados... Este cansaço define-se, em todos os seus pormenores mais arripiantes, na incapacidade de lutar, primariamente afirmada num desleixo criminoso perante a desmoralização que avassala o mundo e, secundariamente, num afundamento de valores e desrespeito pelas certezas e pela tradição.

Certo que a inteligência vê o mal... mas a vontade está doente para reagir convenientemente.

*

Não tentemos fazer a história do homem pecador.

Longo seria o caminho a percorrer e densas as trevas a suportar nessa jornada...

Do Paraíso até ao inferno dos nossos dias, em que o homem se sente dominado por uma atmosfera bafienta de pecado e respirando um ar adensado de miasmas de crime, ilaqueado nas dobras duma confusão que nasceu da luta da luz e da razão contra a realidade esmagadora e concludente do mal, a história do homem aparece-nos tarjada de luto, embora, de longe a longe, o sol da santidade e do heroísmo se personifique em Heróis imorredouros.

Este cansaço da Humanidade é, não somente de ordem física, mas, sobretudo, de ordem moral.

Será este consequência daquele ou terá aquele a sua origem no deessoramento moral?

A verdade é que vários factores contribuíram, dum modo decisivo, para este panorama desolador. Deixemos no esquecimento as lutas religiosas, as heresias e os erros dos primeiros séculos cristãos, os estragos da renascença pagã e do protestantismo sensualista, as desordens políticas e as desmedidas ambições de enriquecer. Lembremos, apenas, aquelas causas que todos somos capazes de ver, por mais directamente presas à vida moderna.

*

Pensa o homem na Felicidade. Não o preocupa outro desejo. Trabalhos e canseiras, sofrimentos e angústias, não têm outra finalidade senão encontrar, na vida, uma paz suave e harmoniosa.

Notemos, porém, que o homem moderno, desorientado, vê a felicidade onde ela nunca poderá estar. No dinheiro ou no poder escondem-se a ruína e a dor . . .

E, por isso, o homem, loucamente, caminhando para qualquer destes objectivos cava, com as próprias mãos, a ruína e a desgraça. E este facto incontestável suscita uma inversão de valores onde se esconde a razão da tragédia sinistra que tortura o homem.

O cinema imoral e as leituras dissolventes arrastam ao deessoramento e criam no espírito humano um clima de fraqueza perante toda a luta.

O ideal já não fascina e todos os anseios do homem se concretizam no materialismo sensualista que os olhos regaladamente contemplam e as mãos podem trocar . . . Na medida em que deseja nessa medida se afunda . . . Nasce a insatisfação!

A ambição desmedida do engrandecimento social leva o homem a perder o culto da responsabilidade e a consciência do respeito por si mesmo e pelos seus semelhantes. Nesta atmosfera cria-se o sossego e a tranquilidade dos que rastejam e já não sentem o desejo da ascensão . . . Fácilmente se admite a lógica maquiavélica de que todos os meios são legítimos perante um fim . . .

Este estado de consciência apaga os verdadeiros valores — valores eternos que o tempo não conseguiu destruir.

*

O pecado tornou-se coisa normal e quase elegante em nossos dias . . .

A nossa sociedade, vestida de elegâncias ou coroada pelo prestígio da autoridade ou das funções, abisma-se cada vez mais, na certeza de que os seus crimes — e tantos são os crimes sociais — longe de serem castigados como a justiça mais elementar impunha, são, ó ironia dos tempos! . . . considerados como atitude deliciosa e bela aos olhos do mundo . . . A desmoralização das fitas de cinema passou à realidade concreta, corporal das praias, dos salões e, até, das ruas. A desver-

gonha campeia livre e dominadora, tantas vezes ostentada pelos que, pelas suas responsabilidades, deveriam dar o exemplo do aprumo e da dignidade... Permita-se uma referência mais detalhada a uma das causas que modernamente mais tem contribuído para o enfraquecimento moral da Humanidade. Essa causa está, precisamente, nos bailes talqualmente são realizados neste tempo.

Já Ovídio considerava as salas de baile como lugares de naufrágio para o pudor. E, talvez, muitas donzelas poderiam subscrever a opinião do poeta pagão.

Cícero, com certa dureza, afirma que «a dança compendia todos os vícios».

Diante dos seus olhos perpassavam, com certeza, essas danças imorais e escandalosas em que tudo era permitido.

Platão afirma «o baile é uma escola pública de paixões».

Frases bastante duras em lábios pagãos e que, por isso mesmo, nos obrigam a séria meditação.

No entanto, oiçamos a palavra de certos escritores católicos e, especialmente, de alguns santos da Igreja. S. João Crisóstomo, vigoroso escritor e consagrado orador, escreveu «a dança é o passo dos demónios». E, se é certo que nem todas as pessoas que dançam nos dão a impressão do demónio andante, a verdade é que muitos jovens vêem na dança, o caminho da libertinagem e do prazer sensual.

Santo Ambrósio, Bispo de Milão, afirmou que « na dança naufraga a inocência e enterra-se o pudor ». S. João Bosco, grande educador e conhecedor da juventude deixou-nos este conselho: « os bailes são festas do diabo ». Naturalmente a sua longa experiência ensinou-lhes os perigos em que incorriam os jovens que bailam e as quedas sinistras em que se afundaram tantos inocentes.

Cita-se frequentemente esta confissão dum jovem: « o que nunca poderei fazer é amar uma mulher que saiba bailar. Amar com o meu coração e com a minha alma uma mulher que tenha estado entre os braços de outro homem; amar com todas as minhas forças uma mulher que tenha sentido, antes que o meu, o alento de outro homem sobre os seus olhos — isso nunca posso fazê-lo, nem nunca o farei. « Outro, jovem militar, dizia a sua Mãe: « A primeira condição que ponho para aquela que há-de ser minha mulher é que não saiba dançar. Como?... Pois se tu também danças?... Exactamente, por isso, minha Mãe, sei muito bem o que se passa nos bailes ». Que as danças e, especialmente, esses bailes onde tudo é permitido e onde uma Menina séria e digna, não pode entrar, sem se arriscar gravemente, têm contribuído para o enfraquecimento moral da sociedade, não resta a menor dúvida. No entanto, não devemos ser tão rigorosos até ao ponto de ver mal em tudo e, muito mais, de supormos que todas as pessoas que tomam parte nas danças, são capazes dessas baixezas apresentadas.

Há-as, felizmente, que podem comungar dignamente depois dum baile.

O Jovem Militar que não queria casar com uma Senhora que soubesse dançar lá teria as suas razões que, naturalmente, deporiam mais contra ele do que contra as Senhoras.

A sua opinião só será admitida por quem considerar as danças intressecamente más. Apesar de tudo, impõe-se aos Pais e educadores um cuidado grande, uma vigilância atenta daqueles que Deus lhes confiou. São muitos e graves, na verdade, os perigos a que estão sujeitos os que tomam parte nos bailes. Se há perigos para a saúde, há-os, especialmente, para a alma. Excitações de sensibilidade que bem podem levar a exageros de perniciosas consequências...

Os bailes imorais, aqueles em que todos os crimes foram possíveis, até o homicídio, se manifestam um dessoramento social abominável, contribuíram, também, para o afundamento do homem moderno e deram à humanidade do nosso tempo um ar de cansaço e de esgotamento.

E estes bailes criminosos ainda não sofreram a crítica da História. Infelizmente são dos nossos tempos.

*

O sensualismo domina inteiramente a vida moderna. Aquela palavra amargurada de Pio XI «tivemos de mandar fechar as portas do Vaticano,

desta nossa casa paternal, a algumas das nossas filhas, boas sem dúvida, mas às quais faltava, no entanto, o sentimento que na mulher e, sobretudo, na mulher cristã, não podemos ver diminuído, o sentimento da modéstia», dá-nos uma ideia da grandeza avassalante do mal. Na verdade, o mal da imoralidade e despudor invadiu a sociedade e entrou até nos meios mais católicos e fiéis. Tornou-se, por assim dizer, aceitável e quase elegante... Doloroso o comentário daquele escritor que afirmava irònicamente: «certas senhoras metiam espelinhos nos livros de meditação para que as suas orações não aparecessem desgrenhadas ante o trono de Deus». A dissipação domina as consciências e faz daquilo que outrora era considerado pecado uma coisa encantadora e digna.

Sinais dos tempos!

O cansaço da Humanidade deste século especifica-se na falta de coragem para reagir contra o pecado e aceitar, conscientemente, a doutrina da Igreja e a Lei de Deus. Apesar de todas as pregações, de tantos actos de culto, de tantas afirmações oficiais, de tantos programas de reforma e, até, de tão bons desejos de perfeição e de todos os meios de apostolado, o homem deste século afunda-se cada vez mais na lama e na indignidade... Não há vontade séria e decidida para reagir...

É bem clara a doutrina da Igreja no que diz respeito ao dever de conservar e respeitar a vida. Ninguém contesta esse ensinamento infalível. Nos

meios católicos todos admitem e defendem intransigentemente essa doutrina. Se, porém, passamos à prática quantas traições... quantas baixesas... quantas indignidades...

Trabalhos ao Domingo devidamente permitidos ou impostos pela Autoridade Pública; prostituição legalizada e indecentemente explorada; caprichos políticos sobrepostos aos princípios da razão e aos imperativos da moral; admissão fácil do princípio neo-maltusiano e de todos os processos de supressão da Família em nome do egoísmo e da elegância. E não pensemos que estas doutrinas estão apenas no cérebro e nos actos dos acatólicos. Não. Há muitos católicos, alguns de comunhão frequente que aceitam, como bom, embora conheçam as cominações da Igreja a tal procedimento, o princípio da eliminação da família por meios anti-concepcionais. Evitar os filhos que nasceriam para sofrer privações e provocar encargos é virtude...

Que triste mentalidade!...

É a observação deste panorama que nos leva a considerar a Humanidade do século vinte verdadeiramente cansada.

O homem e a graça de Deus

«Pediú-se à ciência o que a ciência não podia ofertar a ninguém, pois não bastam os triunfos do conhecimento para matar todas as fomes e todas as sedes que torturam por dentro a natureza humana. O homem, porque é homem, tem aspirações de infinito».

P.^e Moreira das Neves

Grupo dos Cinco, pág. 85

NO homem, qualquer que seja o seu nome ou posição social, arde permanentemente uma ânsia de felicidade.

Um dia que se extingue em sombras nocturnas de desalento dá, ao mesmo tempo, ensejo a que se acenda no firmamento da vida uma nova estrela de brilho sedutor a despertar na alma humana o desejo de melhores dias, o desejo da Felicidade.

E tudo isto constitui a grande luta do homem!

Em santo Agostinho, cuja sinceridade lhe retrata a alma nas célebres «Confissões» — livro aberto de seus dramas e penitentes ansiedades — encontramos uma síntese perfeita desse drama pungente de todo o homem que peregrina através da vida, quantas vezes perdido e sem rumo e tantas outras alanceado de remorsos...

Junto ao Oceano, numa praia queimada de sol tropical, passeava Agostinho. Um pensamento domina-lhe completamente a alma e abre em seu rosto apreensões torturantes: era o pensamento de ser feliz. «Onde estará essa realidade tranquilizadora que tenho sonhado ardentemente durante a vida?» Debalde Agostinho a busca nas coisas visíveis deste mundo... Nos prazeres da vida, nas consolações do saber, nas alegrias da riqueza, na vaidade do poder, nos caprichos da sensualidade... Em tudo procurava prescrutar uma voz que o tranquilizasse naquela ânsia irreprimível, naquele drama angustiante.

Interrogou o mar... esse mar imenso e salgado onde, por vezes, o sol punha claridades estranhas ao fenecer da tarde e que lhe davam uma nítida aproximação da vida humana; esse mar que tudo dá e tudo leva, salgado como a vida, rutilante como a ilusão, imenso como o desejo; esse mar que esconde tantas maravilhas fascinou a inteligência de Agostinho. Estaria ali, porventura, a resposta ao seu amargo sofrimento?

E aquelas águas, umas vezes tranquilas e doces e outras revoltas e ameaçadoras, numa voz íntima que lhe repassava a alma — voz da consciência — pareciam dizer-lhe: «procura essa felicidade fora e acima do mar»...

E Agostinho inquieto, cada vez mais dilacerado pelo espinho dum desejo implacável, volta-se,

quase em desespero, para a policromia da natureza; admira essa paisagem inexgotável dos campos verdes e floridos — painel esmerilhado do Divino Poder — contempla a beleza dos jardins olorosos, o encanto das cidades, e majestade assombrosa e solene das montanhas e o murmúrio doce e agitado das serras... tudo lhe fala, em palavra desconhecida e voz impertinente: «procura a Verdade e a Felicidade fora e acima de nós».

*

Os olhos estavam na terra!

Parecia-lhe ver ali tudo o que deveria encher a alma humana e aquietar o coração alanceado dos que sofrem. No entanto, alguém o impele para as alturas e lhe põe asas no espírito para sobranceiramente pairar por sobre as misérias da vida a fim de demandar outras paragens e interrogar outros mundos...

E, assim, desiludido da terra admira extasiado a maravilhosa e sedutora epopeia dos astros. Abisma-se no firmamento azulino escuro, marchetado de estrelas tremulezentes e iluminado pelas clari-dades dos raios túbios da lua. Prescuta a harmonia de milhões de astros e admira a candura alviniente da sua luz e interroga-os: «sereis a minha felicidade?»...

*

Na alma humana, onde fervilha um mundo de dúvidas inquietantes repercute, insistentemente, a mesma voz: «acima de nós está a felicidade do homem».

E, só agora, depois desta peregrinação através dos seres e das coisas, Santo Agostinho deixou-se abismar no mar imenso do amor de Deus. Nele estava a Luz, o Caminho, a Vida.

Ali encontrava a verdadeira paz para a sua alma.

Na verdade, ensina a sagrada escritura corroborada pela ciência e iluminada pela experiência da humanidade, as coisas deste mundo são finitas e a ânsia do homem é, de certo geito, infinita. Como poderão os prazeres, as riquezas, as vaidades, os poderes e as alegrias comuns satisfazer a alma do homem e encher plenamente o coração?... Permanentemente viverá inquieto enquanto não repousar em Deus...

Fomos criados para Ele!

*

Somos transformados pela Graça Divina que é dom sobrenatural conferido pela generosidade infinita ao homem e que tem o poder magnífico de o elevar e fazer herdeiro duma felicidade eterna. É assim a Graça de Deus.

Costumam os teólogos assinalar à expressão Graça diversos sentidos. Pode compreender-se a amabilidade que cativa a benevolência das pessoas e as torna, por isso mesmo, agradáveis.

É um significado de graça meramente natural e bastante usado no convívio social e até nas Letras Sagradas.

No livro dos Provérbios lê-se: «é falaz a graça e vã a beleza».

Evidentemente que se trata da graça natural e da formosura física; S. Lucas, a respeito de Cristo entre os doutores, escreve: «Admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam da boca de Jesus».

Consideram, ainda, a graça, como a razão pela qual alguém é bem aceite por outrem. «S. José encontrou graça diante do Senhor».

Admitem esta expressão como o favor que é concedido gratuitamente e, assim, na Epístola aos Romanos afirma-se: «Por Jesus Cristo recebemos a graça do apostolado».

Finalmente entende-se o vocábulo «graça» pelo agradecimento natural e espontâneo do que se confessa agradecido. Passou, por isso, para o uso corrente, a expressão «dar graças». Note-se, no entanto, que estes significados da palavra graça não são, por isso, bastante expressivos para nos dizerem em que consiste verdadeiramente a Graça de Deus que transforma o homem e lhe dá sentido à vida neste mundo.

Em sentido rigoroso a graça de Deus é um dom intrínseco ou extrínseco sobrenatural concedido por Deus ao homem para alcançar a Vida Eterna.

É o chamado «dom de Deus» a que se referira Cristo no diálogo com a Samaritana. É este «dom» magnífico que nos faz membros de Cristo e Templos do Espírito Santo e nos atribui uma grandeza que foge a todas as palavras humanas.

*

Quero fechar este capítulo com mais algumas palavras sobre este assunto da salvação eterna — Felicidade — o mais importante e definitivo de todo o homem que vem a este mundo.

É certo que nem sempre pensamos, sèriamente neste problema básico da vida humana. E, no entanto, é dele que tudo depende, por mais teorias que nos preguem e por mais caminhos que pretendam ensinar-nos.

A verdade é que o homem destina-se a Deus e será um degredado e infeliz se não atingir esse fim.

Enquanto estamos no mundo, por mais descontrados e falsos que tenham sido os nossos passos, é sempre tempo de voltarmos para Deus.

S. Paulo, numa palavra afogueada e decisiva, proclamava muitas vezes diante dos seus ouvintes: «Não sou eu quem vive mas é Cristo que vive em mim».

Como se operava esta maravilha?

Precisamente dum modo idêntico ao que se opera na transformação na nossa substância dos alimentos que tomamos.

Comungando a Cristo — Graça — somos transformados, deificados e podemos repetir jubilosamente com o Apóstolo das Gentes esta palavra encantadora: «É Cristo que vive em mim».

Amigo e querido leitor: permite-me perguntar-te se tens pensado neste problema.

É natural que as preocupações em que vives, os trabalhos que te assoberbam a vida, as ligações que te prendem hajam impedido a tua atenção de se deter, embora por momentos de reflexão, sobre este momentoso problema da vida humana.

Não o esqueças agora, já que Deus, por esta leitura, te veio bater à porta do coração.

Cedo ou tarde? Não importa. Ainda é tempo de salvação e de luz.

Este é o grande problema do homem que só encontra realidade em Deus.

N'Ele a Luz, o Caminho e a Vida! Através da vida, em toda a parte, de dia e de noite, surge esta realidade divina a que o homem jamais poderá escapar. E não esqueças que felicidade fora de Deus é utopia!

Bastará a experiência de cada um para fazer brilhar a certeza destas palavras.

**Transformados em Cristo
pela Eucaristia**

« Mas em verdade é infinitamente mais doce ao coração de quem nos ama transmutar o pão, que vem da dura terra e do trabalho duro, no corpo que será eternamente oferecido por vós, no corpo que baixará do Céu todos os dias como veículo visível da Graça ».

Giovani Papini

História de Cristo, pág. 214

TODO o homem que sèriamente vive o problema da sua vida — que o viva em plenitude — tem de meditar o grande milagre da Eucaristia.

Naquela palavra enternecida do Mestre — «estarei convosco até à consumação dos séculos» — está resumido o programa mais aliciante de salvação humana. Infelicidade? Miséria? Martírio? Com Jesus Cristo tudo é glória e felicidade!

Por isso se levanta diante de nós como prodígio assombroso o Poder da Eucaristia.

Compreender, tanto quanto possível, esse facto assombroso da História é dever de todo o crente que deseja esclarecer a sua fé.

A presença de Jesus Cristo numa Hóstia consagrada é, na realidade, um milagre estupendo e verdadeiramente assombroso. Apesar disso não é incompatível com a onnipotência divina.

Só esta, porém, o pode explicar.

Seria ilogismo censurável acreditar no infinito poder de Deus e negar a real presença de Cristo na Eucaristia.

O Deus que com uma só palavra pôde fazer aparecer do nada todas as coisas, dando assim, o estricte sentido à palavra **criação**, pode transformar um ser — o pão — noutro — o próprio Cristo. Para tanto bastou o seu desmedido amor para com a humanidade e a sua Divina Vontade. Vamos, entretanto, demonstrar a possibilidade da Real Presença de Deus na Eucaristia e o facto consumado e permanente do Amor de Deus concretizado numa Hóstia consagrada.

*

Em palavra singela a cativante diz uma graciosa lenda medieval que um Rei dos Vândalos antes de partir para o exílio pediu, ao seu adversário e vencedor, como despojo único do seu governo, três coisas: um pão para matar a fome, uma lira para cantar e esquecer as desventuras e uma esponja para enxugar as lágrimas.

Ao recordar, em toda a sua ingénua e poética simplicidade, esta lenda do homem destronado que parte amargurado para o exílio vem, naturalmente, ao pensamento essa figura milenária de desventurado que percorre os ásperos caminhos do desterro, rasgando no pedregulho e nos cardos, a carne dos pés e dilacerando no insondável mar de amarguras a alma e o coração, que se chama o homem.

Por mais que poetizam a vida e a filtrem à luz diáfana de raios cor de rosa e oiro ela há-de ser, neste mundo, um tormentoso peregrinar do homem aflito para Deus. E neste caminho, que se torna longo pelas dilacerações, o homem toma dentre dois rumos—*desespero ou resignação*—o seu destino.

Precisa, nesta viagem, de pedir a alguém, à semelhança do Vândalo, um pão para matar a fome que o atormenta; uma lira para desfazer, em volúpia de encantamento, o seu pranto; e uma esponja para guardar as lágrimas escaldantes que denunciam a sua dor e o seu tormento.

Ninguém lhe poderá fornecer o pão, a lira e a esponja senão Deus. Há, no entanto, uma diferença bem notável entre Deus e o vencedor do Rei Vândalo. Enquanto este pede três coisas distintas para depois percorrer o amargoso caminho do desterro, certo de que todas lhe são indispensáveis, Deus pode numa só, numa só dádiva, unir e consubstanciar tudo o que se torne necessário ao homem itinerante do Além e que, do mesmo modo, se supõe desterrado neste vale de lágrimas. Na Eucaristia, que contém tudo o que se pode considerar deleitável, encontra o homem peregrino de Deus o que anseia para matar a fome, enxugar as lágrimas, lenir o pranto e fazer raiar, em radiosa primavera de sol e perfume, a alegria e a felicidade.

É possível a Deus transformar noutro um ser por Ele criado e afigura-se maior milagre, aliás já admitido por nós, a criação simples dum ser do

que a sua, embora maravilhosa, transformação nou-
tro ser, conquanto de natureza infinitamente supe-
rior. Santo Ambrósio, num dos seus eloquentes
sermões sobre este assunto, pergunta, com justifi-
cada razão: «a palavra de Deus que tirou do nada
o que não era, não poderá mudar o que já existe
naquilo que antes não era? Requer-se tanto poder
para dar existência às coisas como para converter
noutro ser as que já existiam». Está certa e con-
vincente a argumentação de Santo Ambrósio.

Há, porém, a considerar que a Eucaristia é o
resultado do infinito amor de Deus para com os
homens.

De que será capaz o amor? Pascal, o grande
pensador francês, escreveu que não há verdadeiro
amor sem paixão. E, na verdade, quando o amor
anda tocado pelo halo ardente da paixão é capaz
de tudo, dos mais arriscados heroísmos e dos mais
hediondos caprichos. Veja-se, demoradamente, a
história da humanidade. Há uma mulher que fa-
zendo viagem para o Novo Mundo e sentindo que
os seios se negavam a dar o alimento para o fi-
lhinho de tenra idade que acalentava ao peito e
não tendo outro processo para o sustentar não
tem um momento de hesitação: rasga uma das
veias, cola a boca do infante ao sulco de sangue,
e, é, deste modo, que o conserva na vida.

Passado algum tempo, ao cabo da viagem, esta
mãe heróica perecia, mas, o filho estremecido con-
tinuava a viver agora entregue ao carinho de pes-
soas de família. Milagre do amor verdadeiramente

apaixonado daquela mulher! Ao seu lado, em teoria incontável, um número quase infinito de mulheres anónimas escrevem, com lágrimas de sacrifício e sangue de martírio, novas páginas que avolumam a história gloriosa do amor maternal.

Lê-se, na Divina Comédia de Dante, célebre precursor do Renascimento Italiano, que o Conde de Ugolino fora condenado à morte pelos seus adversários políticos. Teria de perecer de fome encerrado no escuro presídio dum velho Castelo. Arrastado para ali e juntamente com ele, para que o seu martírio fosse mais pungente, levaram os seus filhinhos — cinco crianças de tenra idade.

Passaram-se as primeiras horas e sucederam-se, naquela masmorra, as primeiras noites, longas e infernais, para o destino daquela nobre família. A certa altura, quando as lágrimas já não conseguem em toda a sua prodigiosa eloquência, dizer toda a grandeza do martírio, diz a história, que um dos filhos, com sete anos apenas, ao ver que o Pai morreria de fome, aproximou-se muito a custo, desnudou o peito e disse: «aqui tens, meu Pai, a minha carne». Come-a e continua a viver... continua a ser o Pai destes meus irmãozinhos... Epopeia maravilhosa que canta em estrofes de sangue o amor filial e afirma eloquentemente os prodígios de que o amor é capaz quando veste as roupagens do apaixonamento!

Deus amou-nos extraordinariamente até ao ponto de nos dar o seu Filho Unigénito. Deu-O ao martírio duma Cruz infamante para nos salvar.

Amou-nos de tal sorte que S. Paulo afirmou que nesse amor havia loucura, tão desmedido e apaixonante, ele se revelava.

E foi esse amor que produziu o estupendo milagre da Eucaristia.

S. Gaudêncio, Bispo do século quarto, escreve numa das suas obras concionatórias: «O Criador e Senhor da natureza que tirou o pão da terra converte-o pelo seu infinito poder no Seu próprio Corpo; Ele mesmo que converteu a água em vinho, nas bodas da Galileia, converte o vinho no seu próprio Sangue para que Um e Outro sirvam de alimento ao homem».

Por estas razões é fácil ao espírito sincero e liberto de preconceitos aceitar, de bom grado, a possibilidade do milagre da Eucaristia. Resta-nos, e é o que pretendemos fazer em mais algumas páginas, levar o querido leitor através da seara feracíssima da Sagrada Escritura onde os clarões da luz hão-de, com certeza, levá-lo suasòriamente a acreditar no dogma de fé do Milagre Eucarístico, isto é, na Presença Real de Deus numa Hóstia Consagrada.

*

Um dia, quando a tarde declinava serenamente, o Mestre Divino rodeado de grande multidão que ansiosamente O seguia, tomou cinco pães e dois peixes, deu graças a Deus e saciou a fome de cinco mil dos seus ouvintes. Só o milagre dá completa explicação a este facto da história!

Os Judeus, ao presencarem este magnífico prodígio — manifestação assombrosa do divino poder — quiseram aclamá-lo Rei. Jesus Cristo, porém, conhecendo profundamente o íntimo daqueles que o rodeavam, fugiu a todas as manifestações de simpatia. É fácil, em horas de júbilo, aclamar os benfeitores!

Ao outro dia vão ao encontro do Mestre e quando se preparavam para falar Este, calmamente, observou: «procurais-me não por ter feito um milagre para vós mas, sim, por vos haver matado a fome».

«O benefício temporal é que vos impressionou e vos moveu a vir até mim. Na verdade vos digo: trabalhai pelo pão que dura para a Vida Eterna». Então os Judeus, surpreendidos por quanto ouviam perguntaram: «que devemos fazer para cumprir a Vontade de Deus?»

«Únicamente acreditar n'Aquele que foi enviado». Era a doutrina mais dura, mais contundente para o orgulho judaico que vivia aferido às tradições gentílicas dum individualismo grosseiro.

Entretanto, acrescentam: «Qual o signal que apresentas para crermos em ti? Moisés sustentou o seu povo com o Maná que vinha do Céu.

Este prodígio foi o suficiente para que todos o acreditassem e seguissem». — «Em verdade, em verdade vos digo, não foi Moisés que vos alimentou com o Maná, mas foi meu Pai que está nos Céus. Porém, o Pão que vos prometo gera a

vida eterna. Quem o come jamais terá fome. Esse Pão sou Eu mesmo. Aquele que comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna».

Os judeus murmuraram: «é muito dura esta doutrina. Como pode dar-nos a comer a sua carne e a beber o seu sangue?»

Jesus, nesta hora decisiva para a verdade, não lhes deixa no espírito a menor dúvida e acrescenta: «Na verdade, na verdade vos digo senão comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós. O que come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia; porque a minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue verdadeiramente bebida».

«Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele». Verdadeira transformação exercida misteriosamente pela Eucaristia e que fazia S. Paulo, em arrebatamentos de intensa alegria, proclamar muitas vezes: «Vivo, mas já não sou eu quem vive... é Cristo que vive em mim».

Idêntica palavra sai naturalmente dos cristãos que comungam o Santíssimo Sacramento. Depois das palavras de Cristo, que verdadeiramente eram palavras da vida eterna, muitos dos que O ouviam fugiram murmurando: «é dura esta doutrina. Quem a poderá aceitar?» Ao lado do Mestre, em cuja face brilhava uma luz esmaecida de tristeza, ficaram os apóstolos em que se adivi-

nhava o estranho desalento. Também vos quereis afastar, perguntou o Mestre?

E, neste momento, S. Pedro, generosamente, responde: «aquem iremos se só Vós, Senhor, tendes palavras de Vida Eterna?»

No desenrolar deste colóquio entre Cristo e os discípulos há a promessa verdadeira de criar para o homem um pão que gera a vida eterna e que se concretiza no Corpo e Sangue de Cristo. Tudo, porém, até agora é uma promessa do que há-de acontecer. Quando chegará esse dia venturoso em que o homem peregrino, queimado dos ardores do deserto da vida e perseguido pelos desaires da sorte, poderá matar a fome, apagar a sede que o abrasa, sarar as feridas que o torturam, balsamizar as dores que o afligem e enxugar as lágrimas escaldantes que o pungem? Quando chegará esse dia?...

*

Naquela tarde saudosa e triste de quinta feira santa, quando perante o olhar do Mestre perpassava, em doloroso cortejo de sombras, todo o horror da tragédia que o esperava e que teria o seu epílogo mais sangrento na morte numa Cruz, sentiu no peito a amarga nostalgia da partida e viu, com toda a nitidez, o abandono em que ficariam os discípulos — todos, afinal, quantos o acreditariam no desenrolar dos séculos. Tinha-lhes feito a promessa duma permanência em Corpo e Alma para alimento e conforto do homem.

Chegara o momento oportuno para dar realidade ao sonho docemente acalentado e querido pelos seus discípulos. Para isso reúne uma ceia amiga, a ceia da despedida. Toma nas Suas Mãos o pão, abençoa-o e diz: «Tomai e comei; isto é o meu Corpo». Do mesmo modo tomou em suas santas e veneráveis Mãos o cálix em que se continha o vinho. Abençoou-o e disse: «Tomai e bebei, isto é o meu sangue». Estava instituída a Santíssima Eucaristia.

Era a palavra de Deus que revelava o grande milagre. Assim o acreditaram os apóstolos, assim o creu a Igreja nascente, assim o aceitaram os cristãos no decurso dos séculos e assim o ensinou o Magistério infalível da Igreja. O concílio de Trento declara: «Jesus dissera que oferecia o seu Corpo sob os acidentes do pão e, por isso, com toda a verdade se há sustentado na Igreja de Deus que pela consagração do pão e do vinho se verifica a transformação da substância do pão no Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo e de toda a substância do vinho na substância do Sangue; e esta mudança é chamada, oportuna e propriamente, transubstanciação.

São do mesmo Concílio estas admiráveis afirmações: «Os nossos antepassados que viveram na Igreja de Cristo e trataram deste santíssimo sacramento professaram claramente que o nosso Redentor o instituiu na última Ceia, quando depois de ter benzido o pão e o vinho, testeficou aos seus apóstolos, com palavras claras e enérgicas,

que lhes dava o seu próprio Corpo e o seu próprio Sangue.

E sendo constante que estas palavras, mencionadas pelos santos evangelistas, e, depois, repetidas por S. Paulo, incluem aquele significado interpretado pelos santos Padres, é execrável maldade, acrescenta o Concílio, que certos homens corrompidos as torçam, violentem e expliquem em sentido figurado, fictício e imaginário e, assim, neguem a realidade da Carne e Sangue de Jesus Cristo contra a unânime inteligência da Igreja».

São de Jesus Cristo estas maravilhosas palavras: «Isto é o meu Corpo», referindo-se ao pão; «isto é o meu Sangue», referindo-se ao vinho; Não podemos pôr em dúvida, sem menosprezo da própria dignidade, esta afirmação categórica. Falou o Mestre que percorreu o mundo a espalhar o bem e de quem se ouviam palavras de vida eterna.

Falou o Divino Taumaturgo que dava saúde aos doentes, movimento aos paralíticos, luz aos cegos e vida aos próprios mortos.

Falou a voz do milagre que multiplicou, perante o olhar atento e atônito de cinco mil pessoas, o pão; a voz que serenou a tempestade ameaçadora, que fez cair fulminados os que o queriam prender, e que, na hora derradeira, no auge do martírio, pediu o perdão para os algozes, enquanto o sol, a terra, os mundos, o véu do templo, os mistérios astrais, davam sinais estranhos perante a sua Morte na Cruz.

Falou a Voz do Milagre que, pela própria virtude, ressuscita ao terceiro dia!

Duvidar dessas palavras divinas é rebaixar, na lama do orgulho, a inteligência humana.

O homem, caminheiro da Vida, precisa de pão para matar a fome.

A fome do Corpo e a fome da Alma só podem ser saciadas com o Corpo de Cristo que gera para a Vida Eterna.

Eis a solução do problema eterno do Homem!

**Benefícios e maravilhas
da Comunhão**

«A vida humana toma assim um valor verdadeiramente universal. Se Cristo vive em nós, viver é uma comunhão de Deus, a nossa vida eleva-se e alarga-se a tudo o que pertence a Deus.

Se Cristo actua em nós, os nossos actos não são nossos, são actos de Cristo. Já não há coisa que seja pequena, se Cristo em nós a sobrenaturaliza: isto é, a transfigura, a enobrece, a diviniza.

Viver cristãmente é viver na grandeza, como Deus.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira
Obras Pastorais, vol. I, pág. 120

A Graça de Deus é dom sobrenatural que enriquece o homem e, é gratuitamente conferido pelo Criador.

Nada nos consola tanto nesta vida, por vezes tão cheia de amarguras e semeada de incompreensões, como a doce tranquilidade espiritual que sempre experimentamos quando temos a satisfação de ter Deus em nossos corações.

A nossa experiência testemunha esta verdade e o estudo das almas, nos seus dramas e ansiedades, ensina-nos quanto é tranquilizante a certeza de que Deus está connosco quando tudo nos abandona.

Uma vida inocente é o penhor mais sólido de felicidade. Isto, porém, só é possível com Deus.

E se à primeira vista parece custoso ao homem a união com Deus essa dificuldade desfaz-se completamente desde que o trabalho cotidiano tenha como finalidade uma aproximação sincera e pie-

dosa do nosso Criador. Não estamos no mundo senão para conhecendo a Deus servi-Lo em espírito de pureza e de verdade.

Programar a vida noutra rumo é contrariar o destino para que fomos criados. E este milagre da união com Deus opera-se pela Eucaristia.

Deste modo o homem que se alimenta da Comunhão eleva-se, santifica-se e é divinamente transformado em Cristo.

Foi esta a razão que levou o Mestre — Divino Redentor do Homem — a ficar consubstanciado no pão e no vinho consagrados. Só assim nos é possível a mais íntima e consoladora união com Ele.

Já reparaste, leitor amigo, com certeza, no que acontece às substâncias estranhas que alimentam o nosso corpo? Essas substâncias que, de algum modo, nos sustentam a vida são transformadas na nossa própria natureza de tal sorte que deixam de ser para se converterem na nossa humanidade por processo que não conseguimos compreender totalmente. Do mesmo modo, ou quase pelo mesmo processo, aquele que comunga a Cristo é elevado, transformado e, na expressão feliz dos santos doutores da Igreja, deificado. Que outro sentido poderão ter as palavras do Apóstolo das Gentes: «Não sou eu quem vive mas é Cristo que vive em mim? . . . »

A Eucaristia, porque consubstancia o próprio Autor da Graça, é, sem dúvida, uma fonte inexaurível de tesouros espirituais de que podemos e nos devemos aproveitar.

Aquele que come a minha carne, disse Jesus, e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Opera-se, deste modo, uma íntima união.

*

O Concílio Florentino ao apreciar os frutos eucarísticos resume o seu pensamento nestas palavras lapidares: «A Eucaristia, a respeito da nossa alma, faz o que a comida e a bebida produzem em relação ao corpo: sustenta, desenvolve, repara e deleita».

Na realidade não foi outro o intento e o sentido das palavras do Mestre Divino ao instituir, na última Ceia, este maravilhoso sacramento em que se quis oferecer ao homem como alimento e conforto. É milagre assombroso do amor divino e tesouro inestimável onde se recolhem todas as virtudes mais preciosas do cristianismo.

Compreendeu-o perfeitamente o Cardeal Newman quando, depois dum estudo profundo e demorado sobre o cristianismo, se resolveu decididamente a entrar na Igreja Católica, foi interpelado por um Pastor protestante seu amigo e companheiro de trabalho: «Vê bem o que vais fazer. Considera que perderás todos os teus rendimentos durante o ano... quatro mil libras que fazem certa felicidade». O Cardeal, com bondade e firmeza, atalhou: «e que são quatro mil libras, meu amigo, comparadas com uma só Comunhão?...

Aquele que devidamente preparado recebe a santíssima eucaristia cresce em graça diante de Deus e predispõe a sua alma para ser enriquecida de novas graças. Quando S. João escreve «aquele que come deste pão vive eternamente» afirma que não cairá em pecado mortal. E haverá maior graça do que esta? Muitas vezes nos admiramos das virtudes de inocência e simplicidade de certas pessoas que sentem, como nós sentimos, o permanente combate das tentações. Almas brancas que atravessam este mundo de enganosas seduções sem que a lama de impureza as salpique ou macule. Qual a razão da sua constância na graça de Deus? Onde foram aurir a coragem para vencer as tentações e a luz para se desenvencilhar dos erros e dúvidas de que o demónio se arma para arrastar ao pecado? Só há uma explicação.

Essas pessoas, e graças a Deus não são em número tão reduzido como muitas vezes pensamos, comungam muitas vezes e comungam bem. O facto de receberem frequentemente a santíssima eucaristia proporciona-lhes energias espirituais para resistir às tentações e vencer todas as investidas do demónio, tantas vezes disfarçado nas criaturas que nos rodeiam.

A Sagrada Eucaristia enfraquece em nós as más tendências e cria, em seu lugar, hábitos bons que nos possibilitam uma vida de pureza e de fidelidade à graça divina.

Aqui está o segredo do triunfo de tantas almas. Seria curioso peregrinar através da história

e sondar a razão de tantas vitórias da cristandade em combates ardorosos. A História Pátria anda cheia de heroísmos alimentados e criados na Comunhão.

*

Com nítida visão de certos panoramas espirituais escreveu S. Gertrudes estas palavras: «Aquele que só comunga por hábito não terá parte nas liberalidades de Deus». Como estas palavras sensatas têm plena aplicação nos nossos dias em que se torna tão fácil e quase de bom tom criar certos hábitos e cair em rotinismos perniciosos! Recordar este aviso é chamar a atenção de muitos cristãos para o perigo que isso constitui; e, ao mesmo tempo, lembrar-lhes a necessidade que têm de purificar constantemente a intenção especialmente no que diz respeito às coisas de piedade. Nada mais pernicioso e desedificante do que uma falsa piedade, isto é, uma piedade sem verdadeiro amor de Deus.

E haverá piedade em pessoas que, apesar de frequentar os sacramentos, se permitem intrometer, sem necessidade alguma, na vida do próximo a quem censuram e cujas deficiências ou pecados propalam livremente?

Será verdadeira vida de piedade a de certas pessoas que na sua vida social vivem como se Cristo fosse um desconhecido, e vão, como as outras, a todos os bailes ainda que indecorosos, e frequentam reuniões onde a fama do próximo so-

fre os mais rudes golpes e a própria honra e bom nome são discretamente maltratados?

Estas piedades não são, positivamente, filhas duma boa e santa comunhão, mas, tem, quase sempre a sua origem no grosseiro rotinismo dos que se habituam cegamente às coisas espirituais e não renovam constantemente a sua intenção em pureza e amor de Deus.

Quando se comunga dignamente o Santíssimo Corpo de Cristo somos inteiramente transformados e extingue-se na nossa alma o fogo das paixões que, por efeito maravilhoso da Comunhão, conseguimos dominar perfeitamente.

Nenhum cristão, digno deste nome, deve aproximar-se da Sagrada Comunhão sem se preparar convenientemente, isto é, com a alma inteiramente purificada de pecados mortais mas até das desordenadas afeições ao pecado leve. Comungar é o acto mais santo que podemos praticar na vida!

Com que esmero preparamos a nossa casa e cuidamos da nossa pessoa quando temos de receber alguma pessoa de cerimónia!...

Pois a visita de Deus à nossa alma é, na verdade, o acontecimento mais importante da nossa vida e deve ser, ainda, o prazer mais alto que devemos sentir. Comungar bem é preparar e, de algum modo realizar, a nossa felicidade. É na sagrada comunhão que as almas puras e, por vezes tão atormentadas, encontram serenidade e doce contentamento no meio dos mais acervos martírios íntimos.

*

Afirma-se, com verdade, que o amor procura a união do ser que ama com o ser amado. E o amor é tanto maior quanto mais perfeita é essa união que bem pode ser, apenas, união espiritual.

Acontece até que esta união de carácter meramente espiritual resiste melhor às contrariedades da vida e aos instintos do mal, tornando-se, por isso, mais firme e duradoira.

Cristo afirmou um dia: «o meu prazer é estar com os homens». Nestas palavras se resumem os anseios do Seu amor para com a humanidade.

E o processo, verdadeiramente miraculoso, de ficar com os homens no decurso dos séculos foi a sua entrega total e eficiente na Eucaristia. Na verdade, como explica o Concílio de Trento, a Comunhão sendo o terceiro sacramento é o maior de todos por conter, como os outros, não apenas a graça de Deus, mas o próprio Autor da Graça.

Esta união, que faz a mais prodigiosa maravilha espiritual, obtém-se sempre que dignamente recebemos o Pão dos Anjos. Entretanto, quando por circunstâncias várias não pudermos comungar sacramentalmente, poderemos manter esta união com Deus por meio da Comunhão espiritual.

*

Poderias pensar, leitor amigo, que o teu problema estava inteiramente alheio ao assunto que

acabas de meditar. Puro engano! Aqui está a chave que o resolve!

A Comunhão é uma realidade divina para o homem sedento de luz e ansioso de felicidade.

A necessidade de Deus em nós é uma fome atormentante e que permanentemente nos aflige.

É na Comunhão bem feita que esta fome se extingue.

«Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a Vida Eterna...»

Um dever dos católicos

«A participação no sacrifício, assim como nas orações e leituras da ante-missa, não se pode reduzir apenas a seguir com atenção a acção do sacerdote no altar, mesmo quando se lhe respondem às saudações. Na verdade, é toda a nossa vida nos seus múltiplos aspectos, que levamos ao altar para uni-la a Cristo no seu divino holocausto, e é ainda sobre toda a nossa vida que se derrama a graça recebida no altar, no momento da oblação, sobretudo na comunhão».

D. Augustin François

Participação Activa na Missa, pág. 131

É obrigação dos católicos assistirem à Missa em todos os Domingos e dias santificados. Se o não fizerem, a menos que tenham razões graves para se escusarem, pecam gravemente, como incorrem na mesma pena os que impossibilitam alguém do cumprimento deste dever.

Assistir à Missa, porém, não é estar meia hora na Igreja. Esta presença meramente corporal não basta. Exige-se para cumprir esta obrigação, uma presença total, isto é, uma união íntima com o sacerdote que celebra o santo sacrifício da Missa.

É, por isso, indispensável associar a nossa intenção ao que se está a desenrolar no altar por acção ministerial do celebrante. Muitos, porque ignoram o significado profundo e eficiente da Santa Missa e desconhecem os inúmeros benefícios que nos proporciona, assistem como se estivessem perante um acto oficial. Com toda a compostura e respeito embora, mas sem aquela *vida*

de união sentida que se torna indispensável em acto tão solene e místico.

Outros estão na Igreja mas o seu pensamento vagueia livremente e prende-se aos negócios temporais e absorventes quando não se perde em coisas fúteis ou criminosas. Assistir à missa é compreender que tudo quanto naquele pequeno espaço de tempo se está a desenrolar no altar é o mesmo sacrifício que há vinte séculos, no cimo do Calvário, em angústia e amor, se realizou.

Foi ali, na sempre memorável e triste sexta feira santa, que se operou, pelo sacrifício heróico de Cristo, a salvação dos homens, resgatados perante a Justiça Divina, pelo martírio cruento de Jesus.

E foi vontade manifesta de Cristo que esse sacrifício redentor, em toda a sua eficiência e sentido, se perpetuasse através dos tempos.

Para isso instituiu a Missa que os sacerdotes — continuadores da Sua Divina Missão — haviam de realizar para benefício das almas.

Grande e excelente o santo sacrifício da Missa! Gloriosa e bendita realidade divina!

Sendo tão santa na sua origem e tão divina nas graças que nos prodigaliza é lógico concluir-se do respeito, da atenção e da devoção que os crentes devem ter quando assistem à santa Missa.

É durante a santa Missa que nos revestimos das virtudes indispensáveis à vida e nos preparamos convenientemente para o combate em que, quer queiramos ou não, temos de entrar.

A missa ouvida com devoção e compreendida em seus divinos mistérios prodigaliza ao cristão um oceano de graças. É que tudo quanto o sacerdote realiza, por virtude própria, é sublimado, em valor divino, pelo poder de Deus e, assim, há um merecimento verdadeiramente maravilhoso.

A Missa é um sacrifício por excelência, exactamente porque Deus é louvado como Soberano Senhor de todas as coisas e é imolada uma vítima. Deus é louvado por um sacrifício que lhe é inteiramente agradável.

Muitos foram, no decurso da história, os sacrifícios oferecidos pelos homens à Divindade.

Só um, porém, aplacou a sua Justiça: foi o sacrifício do Calvário, hoje renovado na santa Missa.

Por este modo prestamos um acto de adoração a Deus reconhecendo a sua onnipotência e aplacando a sua justiça ofendida pelos pecados da Humanidade. Damos-lhe, ao mesmo tempo, graças pelos inúmeros benefícios que, durante a nossa vida, nos tem dispensado e impetramos, humildemente, a sua protecção.

Basta reparar nas cerimónias da Missa e nas orações recitadas na sua celebração. Depois de

tudo o homem que, conscientemente, assiste, nos dias prescritos, à Santa Missa, cumpre um dever.

Isto deveria bastar-lhe para, sem razões justificativas, nunca faltar a esta obrigação.

Nunca como em nossos dias se tornou tão urgente apontar este dever ao homem. Por razões inteiramente fúteis, por comodidade, por preconceitos, por orgulho o homem, neste século de grandes avanços e progressos, passa por sobre os princípios da honra e da dignidade, traindo a sua consciência.

Nesta traição, bem vincada no nosso tempo, está a razão de tanta miséria moral. Esta é uma realidade bem triste dos nossos dias.

O homem atraiçoa a sua consciência e, facilmente, se ajusta às imposições satânicas do mundo...

E, no entanto, sem o escrupuloso cumprimento deste dever ninguém seriamente se pode considerar católico.

Levanta-te, homem

« Tudo é esquecido, sem explicações perdidas, sem indignação, sem riso de escárneo. O Filho do Homem não obriga o penitente a reavivar a lembrança da sua vergonha: já o ergue muito acima daquela multidão que o rodeia, para que a cura da alma prevaleça no seu espírito sobre a cura do corpo ».

François Mauriac

Vida de Jesus, pág. 71

SERÁ lugar comum comparar-se a vida do homem a uma viagem um dia iniciada e que, mais cedo ou mais tarde, entre sorrisos de encantamento ou estertores de agonia, há-de ter o seu epílogo.

Será lugar comum . . . Mas, nem por isso, deixa de ser muito expressivo este lugar comum quando nos queremos referir à nossa passagem neste mundo.

Acontece a todo o homem cair no decurso desta viagem. São tantos os obstáculos, internos ou externos, que a vida nos surpreende tantas vezes e nos amargura com o tormento duma queda.

E é aí, nessa humilhação, que sentimos perfeitamente a nossa fragilidade e ressalta, com toda a evidência, a nossa natureza. E, quantas vezes, essa fraqueza se reafirma na permanência ignominiosa do aviltamento a que descemos.

Vemos, por um lado, quanto nos inferioriza esse estado e, no entanto, não temos coragem para repelir essa baixeza e levantarmo-nos para

uma nova arrancada na vida. Como se impõe tremendamente a verdade da palavra do clássico pagão: «vejo o bem e aprovo-o e, no entanto, sigo o mal».

Precisamos constantemente de ouvir esta palavra animadora: «Levanta-te, homem».

A vida moderna, absorvente e dispersiva, atira o homem para o precipício e fascina-o com os encantos enganosos do prazer.

E, assim, não nos espanta que o homem sucumba muitas vezes. No entanto, a sua fraqueza que é natural e admissível, dada a sua íntima constituição e os estragos operados pelo pecado original, tem, quando informada da graça divina, a possibilidade de, não só levantar-se mas, sobretudo, manter-se fiel a um ideal de pureza e integrar-se nos elevados propósitos do serviço de Deus.

Precisa o homem de quem o ajude nesta luta que tem de travar para vencer a vida e vencer na vida sem transigências criminosas nem humilhações covardes.

A força que o impulsionará no combate tem de auri-la no sacramento da confissão ou penitência. Por ele obterá o perdão de Deus — só Deus pode remittir pecados — e, ao mesmo tempo, aquela tranquilidade de espírito e serenidade indispensáveis ao bom êxito duma luta.

Na paz de espírito o homem vê melhor, reflete mais serenamente e é mais justo e mais razoável.

*

A vida apresenta-se com duas faces: alegria e dor, esperança e desalento, dúvida e certeza, sonho e realidade.

Neste encontro e desencontro de ideias acontece sair, muitas vezes, vitorioso o homem; outras, porém, vencido e trucidado pelo cilindro da desventura... Quem o levantará dessa derrota?

É, afinal, esse duelo interminável entre o homem velho e o homem novo, de que fala S. Paulo.

São as tendências, os instintos, o homem entregue a si mesmo e orientado pelas solicitações do mal e o homem redimido, consciente da sua origem e do seu destino, cristianizado e responsável.

Que conflito doloroso! Que luta desesperada! A luz e a treva! O bem e o mal!

Perante este combate gigantesco o homem precisa duma força que o encorage e duma luz que o não deixe perder-se no desalento e na indiferença.

Grave perigo seria que o homem se convencesse da impossibilidade de vencer...

*

Esse complexo de inferioridade admitido por muitos diante das dificuldades que julgam invencíveis nasce, geralmente, dum estado de consciên-

cia ferido pelo enfraquecimento do vício e, quantas vezes, pelo desânimo perante a possibilidade duma vida iluminada e digna.

Assim o homem se abisma cada vez mais até procurar, como tantos, no suicídio, o caminho da libertação. Esquece-se, assim, todo o sobrenatural na sua realidade e eficiência.

O suicídio, sob qualquer forma que seja praticado, é uma afirmação de falta de fé e denuncia uma terrível fraqueza moral.

Quem acredita firmemente em Deus e no destino eterno do homem não pode cometer semelhante atentado contra a vida, a menos que uma rajada de loucura o toque nesse instante sinistro tirando-lhe, assim, toda a responsabilidade do seu acto.

Note-se, porém, que o homem com determinadas propensões para o desalento moral e para o crime não está, por esse motivo, dispensado de lutar e de empregar todos os meios ao seu alcance para evitar a derrocada. Parece, até, que sendo o perigo maior e mais iminente mais prontas e eficazes devem ser as cautelas a tomar.

O conforto para esta luta inadiável há-de o homem encontrá-lo nos Sacramentos da Igreja Católica.

*

Indiscutivelmente o homem nem é só corpo nem só espírito.

Tem asas para voar à busca dum ideal; tem corpo para sentir e atravessar a terra a que, por vezes, se prende e para quem vive inteiramente. Este dualismo nem sempre assume perante o homem a distinção de realidade.

Por vezes confunde o seu destino e limita-o à terra para quem vive.

É preciso, que o homem viva de olhos postos no ideal divino, mas com os pés bem firmes na terra da realidade. Assim ver-se-á em toda a sua grandeza — podendo atingir o Céu — e em toda a sua miséria — não devendo dispensar a terra.

Do barro foi feito o homem compreendendo-se, assim, que a vida, para tantos, não consiga ultrapassar o lodaçal . . .

Aquele que vive a realidade e a transcendência da vida não se atola na miséria mas sobrevoa todas as fraquezas.

O orgulho abisma... A humildade alcandora...

São de aprender os exemplos legados à humanidade por todos os que foram mais perfeitos e, por isso mesmo, ascenderam aos altares do louvor e da adoração.

Esses, na realidade, são modelos!

Na sua glória, quase sempre amassada em sangue e feita de sacrifício, entrou como artífice o valor dos sacramentos e nomeadamente, em horas de tormenta, serviu-lhes de refúgio o sacramento da penitência e do perdão.

*

Pode não ser longa a caminhada do homem sobre a terra . . . mas é sempre penosa.

Desde que o pecado contaminou o mundo e marcou à humanidade o caminho do sofrimento abriu-se no coração humano um vazio tremendo que as alegrias e prazeres da vida são incapazes de encher. Horas há em que o homem é punido por uma nostalgia indefinível, em que busca alguma coisa para além de tudo o que o circunda na terra. Acredita-se facilmente na necessidade de Deus como alívio, consolação e felicidade. Doutra forma o homem caído na letargia doentia e, por vezes, mortal jamais tentaria levantar-se se tudo o que o convida a fazê-lo lhe houvesse de dar uma resposta enganadora.

Quem lançou o homem no caminho da desventura? Quem lhe apontou sinistramente a porta do desespero ou do crime para encerrar a sua vida amargurante?

Foi o seu voluntário e pertinaz afastamento de Deus. Só o regresso a Ele, em pureza e sacrifício, restaurará a prístina e inocente felicidade e responderá às inquietantes interrogações do seu espírito atribulado.

*

A nossa vida neste mundo é uma preparação pouco demorada para a Vida Eterna.

Por muitos anos que o homem viva que é isso comparado com a eternidade que o espera?

Este pensamento obriga-nos a uma meditação!

Nenhum de nós por mais pura que tenha sido a sua vida, se julga isento de faltas. Consequentemente precisamos todos de fazer penitência. Cristo falou ao homem de todos os tempos com o exemplo duma vida extremamente sacrificada e com esta palavra incisiva: «se não fizerdes penitência morrereis todos». Aviso universal e claro!

A penitência purifica e, de algum modo, satisfaz a justiça de Deus.

Como virtude prepara maravilhosamente o homem para receber, com fervor e piedade, o sacramento da confissão pelo qual nos são perdoados os pecados e se patenteia a infinita bondade do Senhor.

O homem peca, e, pode pecar tantas vezes, que nem as saiba contar.

Se o seu coração, contrito e arrependido, o levar ao tribunal da confissão e com humildade aceitar a penitência que lhe é imposta e a cumprir com amor fica perdoado das suas culpas e readquire o direito de entrar no Céu. Desde esse momento sublime experimenta uma doce serenidade espiritual que é prenúncio da infinita beatitude. Nunca saberemos apreciar e agradecer convenientemente à Misericórdia Divina, este inefável favor que nos prodigaliza através da nossa vida de misérias e defecções.

Quantas vezes o remorso nos atormenta e nos tira toda a tranquilidade!... Há horas calmas de felicidade para quantos nos rodeiam e só nós sentimos no coração uma amargura íntima, misteriosa, pungente... Sentimos que alguma coisa de essencial à nossa vida nos falta. Há um vazio extraordinário que nos punge e dilacera a alma. Só o sacramento da penitência tem o maravilhoso condão de restabelecer a paz, de difundir a luz da felicidade, de aquecer amorosamente a nossa alma e mostrar-lhe, em plenitude de luz, a Suprema Ventura.

Sacramento do perdão e sacramento do amor!

Sem ele não poderíamos, após as nossas quedas, entrar no convívio de Deus. O Concílio de Trento — voz infalível da igreja — afirma que todo o que depois do baptismo cometeu pecado mortal precisa, para se salvar, do Sacramento da Penitência.

Sem este sacramento, (na realidade ou em desejo) não se pode obter o perdão.

Leitor amigo, porventura já experimentas-te a doçura deste sacramento?

O rodar dos anos, as complicações da vida, os materialismos obcecantes, as perseguições e os maus exemplos, fizeram-te esquecer esse bem estar e desviaram o teu pensamento de reflectir no amor e na bondade de Deus através deste meio sobrenatural.

Quem sabe se foram as leituras más, os maus exemplos que te arrastaram ao crime? . . . Isto servirá de aviso aos escritores . . . a quantos não fazem da sua pena um meio salutar de apostolado . . .

Retoma a tua vida de piedade. Doutra maneira não viverás . . .

E, afinal, o grande problema que te atormenta esbarra no pecado. Precisas de força, de ternura, de luz para encontrares o sossego. Esse sossego é a realidade divina que te envolve permanentemente.

Uma lição para ti

O Santo é o homem na plenitude.
A demonstração intensa do Ser.
A fascinante verberação da Beleza.
A flama, acendida no Bem, aquecendo a
frialdade terrena.

A lira de cordas tensas, harmoniosas,
apresentadas ao Espírito, quando desce a
acalmar a tormenta confusa das águas tu-
multuantes.

Correia Pinto

Bem-Aventurados os Pobres, pág. 107

LEITOR: Se percorreste as páginas descoloridas deste livro até este momento posso, na realidade, considerar-te leitor amigo. Por isso mesmo, asseguro-te que o que vais ler neste pequenino capítulo encherá de alegria a tua alma.

Será uma luz suave a iluminar docemente um caminho de amor; será um bálsamo fresco e terno a sossegar-te das dores da tua vida; será uma ternura compassiva a lenir as angústias da tua tribulação.

Mostrei-te até aqui aspectos variados da vida; apresentei-te arestas e espinhos, sombras e vícios, chagas e lama... Disse-te, ainda, à luz da revelação cristã, que a penitência salva... mas a penitência que faz doer e abster...

Hoje, porém, vou apresentar-te o exemplo de algumas almas onde te poderás rever — no seu passado — e onde gostaria te encontrasses — no seu presente.

À luz destes exemplos serás mais generoso e confiante, serás mais corajoso e forte.

Deixa os livros de aventuras e recolhe-te, por momentos, à meditação sossegada e tranquilizante do Evangelho. Medita esses exemplos luminosos onde resplandecem a bondade e a misericórdia de Deus.

*

Entre tantas páginas do Evangelho, cheias de beleza e de ternura, impressiona-nos profundamente aquela onde se revela, dum modo explícito, a misericórdia divina. S. Lucas descreve, em síntese de luz, este facto escriturístico: «Um homem tinha dois filhos que estremecia profundamente. Um dia, porém, o mais novo disse: «Pai, dai-me a parte dos bens que me pertencem». E ele repartiu entre os dois filhos toda a herança. Passados poucos dias o filho mais novo, juntando quanto lhe pertencia, partiu para uma terra distante e lá dissipou os seus bens, vivendo dissolutamente.

Ninguém é capaz de descrever a saudade daquele Pai ao ver partir para longe e, talvez para sempre, o seu filho estremecido.

Não vai atraído pelo trabalho nem vai procurar uma situação mais feliz.

Vai, antes, à busca do gozo e das facilidades duma vida criminosa. E é aí, no meio de falsos amigos e entregue a todos os vícios, que loucamente dissipa toda a sua fortuna. Corrompe a alma e perverte a consciência.

Depois de se ver reduzido à mais humilhante condição de guardador de animais imundos entra na consciência e reconhece o mal que fez. Por momentos ocorre-lhe o pensamento da felicidade que usufruía na casa de seu Pai...

Nada lhe faltava, desde os bens materiais ao respeito e consideração de todos.

Agora, ali, só lhe resta a desgraça mais humilhante e a mais hedionda infâmia.

*

Este pensamento perturba-o e confunde-o.

Sente saudades de sua casa, de seu irmão e de seu amargurado Pai. Esta saudade é uma voz que o chama insistentemente à realidade, e, ao mesmo tempo, da vida hedionda e indigna que tem levado. Por isso, desperta sacudido por essa voz misteriosa e diz: «Irei ter com meu Pai... Há-de perdoar-me, com certeza». Assim falou naquela hora de infinita angústia o infeliz que, apesar de tudo, bem conhecia a ternura de seu velho e desgostado Pai. Sem receio de ser repellido ou castigado desprende-se de tudo e corre, sem desfalecimentos, em direcção à casa de seu Pai.

Este, todos os dias, quando o sol despontava no horizonte, subia ao terraço da sua casa e estendia o olhar amargurado à procura de seu querido filho.

Ao fim da tarde, naquela hora doce e pungente do fim do dia, tristemente aquele ancião

olhava para todos os lados numa esperança, que logo se desfazia, de encontrar o filho. Porém naquele dia descobriu ao longe, numa das quebradas do caminho, um vulto caminhante. Um pobre andrajoso dirige-se para a sua casa. Os olhos dizem-lhe que é um mendigo, e bem miserável, que vem pedir esmola, mas, o coração (aquele coração de Pai!) diz que é o seu próprio filho.

E, apressadamente, desce do terraço e vai ao encontro dele.

Este, arrependido de tantos desgostos causados ao Pai, cai aos seus pés. As lágrimas iluminam-lhe o rosto cavado pelo sofrimento e pelo pecado; os soluços embargam-lhe a voz quando tenta pedir perdão; o Pai, chorando de alegria, estreita-o ao coração, num grande abraço, e não consente que ele fale. Tudo lhe foi perdoado naquela hora sublime... E mais do que o perdão concedido generosamente aquele dia foi considerado festivo na casa e celebrado com ruidoso banquete de amigos e conhecidos...

Estava tentado a dizer que este quadro tão vivo e impressionante poderia ser aplicado a tantos cristãos que no estonteamento duma vida dissipada voltaram as costas a Deus e ao dever. Um dia, porém, batidos por todas as nostalgias e acordados pela voz do remorso, resolveram levantar os olhos e o coração para o Céu. Nesse dia encontraram, no perdão e no amor, a felicidade.

Que grande e admirável é a Misericórdia de Deus para com os pecadores!...

Deslumbra-nos de encanto o Evangelho especialmente quando retrata pedaços da nossa vida e esparge, em muitos exemplos, luz consoladora à nossa alma.

É ver essa mulher desditosa a quem a fragilidade atirou para o pecado. O seu crime — tão grave — seria amaldiçoado e a lei moisaica mandava apedrejar todo aquele que cometesse tal pecado.

Os fariseus, zelosos em demasia da lei, ao surpreendê-la no crime não perdoam, não tanto por desejarem a sua condenação, mas, principalmente, por julgarem ter encontrado um motivo de embaraço para o Divino Mestre. Ele pregava o Amor e a Bondade e a lei de Moisés castigava severa e implacavelmente os que caíam em pecado de adultério.

Qual será a atitude de Cristo? . . .

Por isso, arrastam a desgraçada mulher pelas ruas da cidade e publicam aos quatro ventos o seu crime. Apresentam-na diante de Jesus e acusam-na.

Nenhuma voz se levanta para a defender . . .

A mulher, de olhos postos no chão, chora confusa e arrependida. Cristo olha-a compassivamente e encarando tantos acusadores atira-lhes esta pergunta: «aquele que está inocente . . . atire a primeira pedra . . .»

Todos fugiram . . . e, acrescenta um comentador da Sagrada Escritura, os mais velhos foram os primeiros a debandar . . .

Jesus parecia escrever no chão . . . Que escrevia? . . . Possivelmente os pecados de quantos ali estavam a acusar a pobre mulher.

E quando levantou os olhos viu que estava sozinho com a delinquente. Onde estão os teus acusadores? Fugiram, Senhor . . . E não te condenaram? Não. Pois bem nem eu te condenarei. Vai em paz e não voltes a pecar.

*

Quantas condenações fazemos. Nós que somos sempre réus — tantos são os nossos crimes — não queremos perdoar. E, no entanto, a voz da Justiça divina é esta: «na medida em que medires os outros serás medido por Deus». Saibamos perdoar, ser compassivos para com o nosso próximo por amor de Deus e então a vida terá outra beleza e outro encanto.

Não há nada tão amesquinhante como o ódio. Somos homens e, por isso, devemos ser dignos. Somos cristãos e, por isso, devemos ser misericordiosos.

Se o discípulo deve aprender as lições do Mestre não poderemos esquecer o exemplo sublime de misericórdia e compaixão dado pelo Divino Nazareno. Ali, na Sua Vida encontramos o Caminho a seguir.

Toda a Sua Vida foi uma bênção larga e generosa de perdão. No alto da Cruz perdoa a todos, inclusivamente, aos seus algozes.

Diante deste nobre exemplo ninguém tem o direito de odiar. O ódio é o sentimento mais vil porque é contra o próprio homem.

Sejamos, pois, compassivos desculpando os erros e desatinos do próximo. Nesta medida, da doçura e do perdão, seremos medidos por Deus.

De olhos postos no futuro...

«A família é, portanto, uma instituição criada por Deus, e o casamento, pelo qual ela se constitui legitimamente, assenta na própria lei da criação e corresponde a uma necessidade geral da natureza humana.

Deus gravou no coração do homem o sentimento do amor, que deve servir de base à sociedade conjugal; fixou os princípios eternos e inalteráveis, a que esta sociedade deve estar sujeita, princípios que as leis humanas são obrigadas a respeitar».

Cónego Almeida Correia

A Organização da Família, pág. 15

A Família é a base da sociedade. Esta será, sob todos os aspectos, aquilo que for a Família.

Não se compreende, por isso, aquela palavra amarga, e infelizmente verdadeira, de certo escritor moderno: «a Família é a instituição mais rude e fortemente atacada e mais carecida de protecção». No entanto, esta é a triste e esmagadora realidade. Nenhuma instituição social, no decurso dos séculos, tem sofrido tantos ataques como o Matrimónio — instrumento legal e santificante da Família.

A Família é uma escola que nenhuma outra jamais conseguirá substituir. Há lições preciosas para a vida que só a Família escola é capaz de ensinar ao homem. Lições que se aprendem com o leite que sugamos e o pão que comemos e que, pela vida fora, por mais fortes encontrões sofridos ou desvios cometidos, nunca esqueceremos.

Ela é o centro do amor e o fundamento e salvaguarda da sociedade.

Apesar disso a Família é fortemente atacada... Não vamos, por não ser o fim deste trabalho singelo, definir e comentar, com todas as razões filosóficas, os inimigos da Família. São bem conhecidas, mormente em nossos dias, essas forças desagregadoras do amor e destruidoras da união e da tranquilidade.

É nossa intenção, apenas, abordar algumas considerações muito ligeiras com a intenção de, se possível, desfazer alguns preconceitos correntes na nossa sociedade e muito bem aceites, até, por pessoas que se julgam inteiramente da Igreja.

*

O homem não pode viver ensimesmado.

O egoísmo é pecado contra a humanidade e opõe-se directamente ao mais íntimo impulso do homem: viver em comum, viver em sociedade. A Felicidade para ser inteiramente verdadeira não coexiste com a miséria do próximo. Poderá ser feliz o homem que ouve chorar ao seu lado um desherdado, um doente, um encarcerado, um perseguido? Por isso mesmo o homem, cónscio das suas responsabilidades e da sua missão, vive para o homem, numa perfeita realização da mensagem de Cristo: «amar a Deus e amar o próximo». Dois objectos e um só amor...

E, talvez por isso, o próprio Deus, para quebrar essa dura solidão do homem, lhe desse para

o ajudar durante a vida, aliviando-o na dor e consolando-o no infortúnio, uma companheira, feita à sua imagem e semelhança. Ela unida pelo amor tornar-se-ia carne da sua carne e osso dos seus ossos... Ficaria, assim, pelo amor, instituída a Família. Daqui se infere que a Família, conforme a narração genesiaca que nos abstermos de citar e comentar, é uma obra divina, ideada por Deus e por Ele criada. Não é, por isso, obra do homem. Deste modo estará explicada a dura provação por que tem passado e a rudeza dos ataques que lhe têm sido infligidos em todos os tempos.

E, no entanto, que respeito e veneração nos deveria merecer este foco do amor onde vicejam as mais belas e redolentes flores da vida e se ensinam as verdades mais sublimes...

Da Inteligência Divina saíram, ainda, as condições em que a Família seria, na desfilada dos séculos, constituída. Mais tarde, com a nova era de redenção e de vida, o Cristianismo santificaria, com a abundância da graça dum sacramento, aquela união que o amor fizera e, deste modo, subministraria ao homem novos alentos de carácter sobrenatural para vencer as lutas, por vezes bem trágicas, que nascem da vida e dos caprichos da sorte...

A Família, outrora contrato uno e indissolúvel, ficará, após a vontade manifesta de Cristo, união sagrada que nem o tempo nem a adversidade poderão vencer.

Assim o Lar seria um templo do Amor!

Que lhe faltava para que assim fosse na realidade?

O homem, porém, movido pela paixão desordenada modificou, em muitos casos particulares e tentou com leis abusivas destruir aquilo que a Sabedoria Divina fizera. Foi cancro que logo se desentranhara a corroer o corpo social. E assim se abriram as portas e se deu entrada a todos os inimigos da Família, aos vícios mais repugnantes e aos crimes mais hediondos.

A História ensina que as Nações enriqueceram e prosperaram na vida sempre que as família ofereceram à Pátria, no vigor da Juventude, os seus filhos. O exército de filhos únicos é um exército vencido e sem possibilidades de reorganização... Que fale, em nossos dias, a tragédia francesa...

Foi precisamente este mal — o mais nefasto — que envenenou a Família e a arrastou ao estado mais degradante. Ao dever e à generosidade opuzeram-se terminantemente o sensualismo e o egoísmo. Um em nome da carne... o outro em nome do homem económico... Num e em outro a repercussão satânica da revolta.

Impedir a obra de Deus é crime imperdoável. E, infelizmente, nestes dias em que nos foi dado viver, o crime é tão geral e avassalador que a virtude e o dever quase escandalizam. Pelo menos

são escarnecidos os que fiel e heròicamente cumprem o seu dever.

Impor a Doutrina da Igreja sobre este assunto é trabalho muito custoso neste século obcecado.

*

Fala-me um Pai ainda jovem.

É comerciante honesto e tem dez filhos... Trabalha constantemente, vive para a família e, nas poucas horas livres, cultiva o espírito com boas leituras dando mostras duma cultura equilibrada e invejável.

É pobre. A esposa vai, de vez em quando, no verão, (vivem numa cidade marítima) com a criançada até à praia. Outras senhoras, algumas de comunhão diária e quase todas filiadas em associações católicas, ficam espantadas do número exagerado de filhos e chegam a sorrir escarninhamente...; outras, entrestecidas e conhecedoras da luta verdadeiramente dramática daquele casal, aconselham confiadamente: «matar é pecado; impedir é prudência!» Um dia, mão anónima, enviou para a casa daquele casal dois livros que ensinavam a ser criminoso matando ou impedindo os filhos... Como se aquele Pai, de espírito esclarecido, não conhecesse esses nefandos processos que a moral católica e a lei natural condenam...

Não se trata duma criação da fantasia... É uma realidade que se multiplica na medida em que se multiplicam os lugares.

Há que reagir!

Nas mãos dos educadores está o futuro duma Pátria! No crime não pode edificar-se a felicidade. Esta há-de nascer do integral cumprimento do dever, do respeito da justiça e da prática da caridade cristã.

Por estas razões deduzimos que a Família merece ser protegida. Especialmente quando uma luta tão encarniçada se desenvolve contra o Lar urge rodeá-lo de todo o carinho e amparo. Não podemos admitir o fausto, o esbanjamento, a suntuosidade ao lado da miséria e da fome.

A Família para que possa cumprir a sua missão — e nobre missão a sua! — precisa de ser defendida pelas leis e segura duma assistência moral e material inteiramente indispensáveis.

Se a Família está na base de todos os problemas e dela depende a grandeza dum povo há que dispensar-lhe o mais carinhoso amparo. Deverá ser um amparo efectivo e concretizado não só em prémios às famílias numerosas mas, também, em salários justos e em facilidades de educação e instrução. Nesta luta construtiva o sacrifício toma o primeiro lugar.

Mas que importa o sacrifício se o triunfo fica assegurado? O futuro dum povo está na Família e é, por isso, que o homem que sèriamente vive o problema da Humanidade perante as realidades divinas dum destino eterno, tem de acarinhar, de-

fender e proteger a primeira sociedade instituída por Deus — a Família.

Não bastam promessas mas, exigem-se realizações. Não bastam as leis, requiere-se a sua aplicação.

*

Que lindo exemplo nos oferece a Família Santa de Nazaré!

Por isso, nesta hora terrivelmente assinalada pela anarquia das ideias e dos sentimentos, em que os pregadores do mal procuram e criam a confusão nos espíritos, fixemos esse exemplo sadio de pureza, amor ao trabalho e compreensão mútua que nos propina a Família da Santa Casa de Nazaré. Nesse exemplo tão luminoso e eterno está o carinho seguro duma realidade da vida e que a mesma vida, perecedeira e enfermiça, pode transformar em realidade divina.

Na humilhação da morte...
A certeza da vida!...

«A dor, quando aparece em nós, dá um enorme valor no tempo: cada minuto encerra a substância da nossa vida e da nossa morte. Às vezes, no instante da agonia, passa um relâmpago e, no seu efêmero rasto, nós «sentimos» que quarenta séculos se escoam, através do nosso derradeiro alento».

Joaquim Manso

Pedras Para a Construção Dum
Mundo, pág. 170.

A maior verdade da vida é a certeza da morte! Ninguém a pode pôr em dúvida. A razão, a experiência e a revelação são unânimes em admitir esta certeza: todo o homem morrerá.

O luto, as lágrimas, os cemitérios são prova iniludível desta verdade.

Há, no entanto, que entender a morte e atribuir-lhe o significado cristão — o único justo e verdadeiro.

A morte é o termo dos nossos dias na terra; é o encerramento dos dias da nossa vida; é a porta que se fecha sobre o passado; é a separação da alma do corpo; é o fim de todos os sofrimentos terrenos, das incompreensões, da miséria, da injustiça e do desprezo.

Por isso mesmo a Escritura proclama: «Ó morte! A tua lembrança é suave para o homem necessitado e falto de forças, para o de idade decrépita e para o cheio de cuidados».

A morte é uma libertação!

É certo, e a fé assim o ensina, que a morte é o castigo infligido ao homem pecador. Entretanto a vida apresenta-se com tantas amarguras, tantos espinhos e afrontas que somos forçados naturalmente a ver na morte a libertação adorada. Por ela entramos na tranquilidade e na glória!

Nela descobrimos a voz da verdade e da justiça. Quantos passam a vida mentindo em tudo, nos seus negócios, nas suas relações, no exercício da sua profissão e nas suas atitudes. Os seus triunfos foram construídos à sombra da mentira e todo o seu prestígio assentou na indignidade.

Apesar disso, durante a vida, corriam para eles os fumos do incenso da adoração e do respeito.

Diante da morte, porém, há igualdade!

De nada valem o dinheiro, a ciência, o poder e o prestígio! As honras e as glórias desfazem-se perante a morte.

*

É curiosa e impressionante de simbolismo aquela cena ocorrida no enterro do Imperador Francisco José da Áustria.

«O seu cadáver foi sepultado na cripta da Igreja dos Capuchinhos de Viena.

O Mestre de cerimónias bate à porta da cripta.

— Quem pede entrada? — pergunta um Padre Capuchinho de dentro da cripta.

— Francisco José, imperador e rei, responde o Mestre de cerimónias.

— Não o conheço.

O Mestre de cerimónias bate de novo.

— Quem pede entrada?

— Francisco José Habsburgo.

— Não o conheço, responde, de novo, a voz da cripta.

Bate-se terceira vez.

— Quem pede entrada?

— Um pobre defunto.

Então abriu-se a porta da cripta e entrou o féretro ».

Este simbolismo corresponde inteiramente a uma realidade. Ali, no sepulcro, tudo . . . tudo o que representa grandeza e glória do mundo, termina. Ali está apenas um defunto para dar contas a Deus da sua vida. É, por isso, que a morte, sendo libertação, é a porta da eternidade.

Na história dos santos deparamos muitas vezes com esta frase: «desejo morrer».

E não será difícil descobrir a razão desta ânsia se atendermos a que, só pela morte, o homem entra na eternidade e no seio de Deus.

Pela morte se destina a vida e a vida destina a morte. Uma vida recta e justa, cumprindo os deveres de estado e amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor de Deus, prepara uma morte suave e santa — sono consolador de desprendimento que leva o homem à Glória Eterna.

Nesse instante da separação o homem entra na Glória total, ou na expiação que conduz ao Céu

ou na morte eterna. Mais tarde, no Vale de Josafá, terá de comparecer, não para ser sentenciado, mas, antes, para assistir ao julgamento dos vivos e ver confirmada a sentença dos mortos.

Nesse momento solene verá, ainda, Jesus Cristo resplandecente de glória e o seu poder — poder divino — patenteado aos olhos dos que o acreditaram e aos olhos dos que o desprezaram. Para uns, nesse dia, será maior a glória e para outros, mais doloroso o castigo. A morte é, no entanto, uma humilhação.

*

Na humilhação da morte é preciso que renasça a certeza da Vida. Da vida que todos ansiamos e é imperativo da nossa alma.

E este sentido duma vida que não termina adivinha-se vigorosamente em todos os homens nessa luta gigantesca e dramática para conservar a saúde e evitar todo o sofrimento.

Esta ânsia de imortalidade reafirma-se em todas as criações de beleza — por todas serem prolongamentos da vida humana que nunca deseja extinguir-se . . .

Toda a obra humana tem um sentido de eternidade . . .

A mais insignificante pode abrir um clarão apontando as alturas.

Quem sondaria os inúmeros círculos que a pedra lançada, quase ao acaso, no fundo do poço,

é capaz de descrever na superfície serena das águas? . . .

No entanto, foi uma acção bem pequena, quase inconsciente.

Os nossos trabalhos e desejos podem, feitos conscientemente e de olhos em Deus, criar um mundo de delícias . . . um futuro feliz.

Corre, dentro da mais sã verdade, o princípio de que a morte será o eco da vida. Precisando melhor, a morte será aquilo que houver sido a nossa vida.

Por isso eu te convido, leitor amigo, a entrares no roteiro traçado por estas páginas. Por mais desencontrados que sejam os caminhos cruzados na tua viagem terás de tocar sempre com uma realidade divina. Será a suave consolação do dever cumprido, da ajuda prestada ao desgraçado, da consolação ao que chora, da esmola oferecida ao pobrezinho, das lágrimas que enxugas à criança abandonada . . . Ou, então, a voz do remorso a ferir a tua sensibilidade através da incompreensão ou da injustiça. Em toda a parte brilhará sempre a luz de Deus . . . de Deus em quem nos movemos porque é imenso.

Oxalá este livro, impregnado de Verdade, de Luz e de Vida, e escrito com o coração e a inteligência, em horas calmas da vida, e, de olhos postos no mundo dos que sofrem as torturas da dúvida e as nostalgias de Deus, possa servir de arrimo aos enfraquecidos, de clarão aos transviados e de alento aos desfalecidos nesta jornada da vida.

Diante dos olhos do autor perpassa essa enorme peregrinação de irmãos a quem a vida absorvente não deixa tempo para meditar e estudar os problemas espirituais. E são tantos, desde os industriais aos trabalhadores, dos mestres aos escritores e jornalistas, dos humildes aos artistas... Quantos a quem a vida não deixa tempo para meditar o destino eterno que os espera. Talvez este livro, leve e despretencioso, possa suprir essas deficiências de tempo...

Leitor amigo, eis-nos chegados ao termo da viagem. Não sei a disposição em que te encontras depois de peregrinares pelo caminho aberto pelas pobres palavras que escrevi. Sei, no entanto, que esse caminho é de Verdade e Glória.

Se tiveres coragem de o seguir não morrerás, embora, hajas de sofrer as humilhações da morte... Depois dessas humilhações virá a Vida Eterna!

Criados à imagem e semelhança de Deus e trazendo no coração uma infindável aspiração do Divino, queima-nos a alma a nostalgia de Infinito e aflige-nos o coração a incerteza do futuro. Há, porém, uma realidade — realidade humana e divina — que não podemos esquecer: *não somos da terra... somos de Deus!*

Vivermos apegados à vida, aos prazeres da luxúria e às glórias do prestígio ou do poder, é perdermos o sentido da Imortalidade. Por isso te convido a entrares no roteiro que as páginas deste livro te abriram.

Nelas a Verdade, o Caminho e a Vida!

Recortes de algumas apreciações ao livro
«Debruçado Sobre o Evangelho»

« L EMOS com alvoroço o volume e notamos, desde logo, as extraordinárias qualidades do autor, desde a simplicidade no dizer, fácil e corrente, à oportunidade das lições que expõe, à brevidade do assunto proposto.

Homem do nosso tempo, o autor soube escolher os temas, concretizá-los no mundo em que vivemos e traduzi-los numa linguagem desta época febril, em que a vida se processa em redor do pão, do salário e do futuro. Livro sério, profundo e oportuno. Livro cheio de luz e calor. Livro que desejaríamos ver em todas as mãos ».

(Do *Diário do Minho*)

« O autor é um artista da palavra, escrita ou falada.

« Debruçado Sobre o Evangelho » é um livro que foge à vulgaridade, pelo seu conteúdo e pela arte com que os pensamentos se desenvolvem.

Não encontramos aí, nem retórica nem artificialismos, mantos que geralmente escondem a nudez do pensamento; mas sim um desabafo, um apontamento sóbrio e humano, aquilo que todos sabemos, mas que nem sempre lembramos ».

(De *O Cávado*)

«Aqui está um livro que os católicos e profanos devem ler. O Evangelho é explicado em comentários concisos e claros, numa linguagem límpida, acessível a todas as inteligências».

(Do *Diário do Norte*)

«O livro do P.^o Alberto da Rocha Martins, recentemente publicado e que se intitula — «Debruçado Sobre o Evangelho» — merece ser lido, meditado e vivido com a alma, pois está, em todo ele, a Verdade que Jesus revelou aos homens e que constitui o verdadeiro alicerce duma civilização secular. É o pão servido em fatias e repartido por quantos têm fome de amor e de justiça. O P.^o Alberto da Rocha Martins que é um espírito culto, um pregador da Fé e também um notável escritor, reúne os dons necessários para que a palavra divina se não perca, no vago, como as pedras que se atiram ao mar. O Evangelho, visto e pregado por ele, retoma o aspecto duma seara que é garantia de que a humanidade nunca morrerá de fome, no deserto.

(Dr. Joaquim Manso no *Diário de Lisboa*
de 24 de Fevereiro)

«Folhee-o, ao acaso e li meia dúzia de períodos. Depois saboreei uma dezena de páginas; e vinte e quatro horas após, tinha-o lido de fio a pavio. É um livro aliciante — um livro para ficar, por ser construído sobre sólidos alicerces».

(Do Escritor Manuel de Boaventura na página
literária do *Correio do Minho*)

«Um livro aberto, que encerra valiosas riquezas espirituais. Podem-no colocar entre o melhor da bibliografia religiosa, não muito longe, porque o merece, da Imitação de Cristo».

(Artur Portela no *Diário de Lisboa*)

«É indiscutivelmente um livro precioso que vem preencher uma lacuna. Trata-se dum estudo sério e dum comentário, bem pensado e sempre dentro da ortodoxia católica, ao Evangelho da Missa do Domingo».

(Do *Correio do Minho*)

«São mais de duzentas páginas com as mais curiosas transcrições do Evangelho e respectivos comentários, lúcidos e inteligentes».

(De *O Comércio do Porto*)

«Bem preciosos são estes livros de espiritualidade e educação religiosa».

(*Debate*)

«Um livro escrito com profundidade e simplicidade ao mesmo tempo».

(De *A Voz*)

«Um livro precioso e de grande utilidade».

(De *As Novidades*)

«Debruçado Sobre o Evangelho» há-de ser de enorme utilidade para os leigos e para os sacerdotes».

(Dr. Molho de Faria na *Acção Católica* — Braga)

«Soube vestir «de moderno» a Palavra eterna; alindou-a de poesia para a tornar mais apetecida e mais compreensível; e as verdades duras exprime-as com delicadeza.

Os nossos contemporâneos encontrarão no seu livro um alimento sadio e convincente».

(Fr. Mário Branco)

«Belíssimo livro em que se prega o Evangelho com simplicidade encantadora».

(Nuno de Montemor)

ÍNDICE

	PÁGS.
Prefácio	5
O homem perante um ideal	9
Onde está a felicidade do homem	17
O sofrimento será caminho de Salvação?	27
O sofrimento de Cristo	37
Grandeza e glória do martírio	47
O tempo e a verdade.	55
Não posso viver sem fé	67
Não morreremos	75
A chave da porta do Céu	85
Missão sublime	95
O cansaço da humanidade do século vinte	105
O homem e a graça de Deus	115
Transformados em Cristo pela Eucaristia	127
Benefícios e maravilhas da comunhão	141
Um dever dos católicos	151
Levanta-te, homem	157
Uma lição para ti	169
De olhos postos no futuro	179
Na humilhação da morte... A certeza da vida	189
Recortes de algumas apreciações ao livro «Debru- çado sobre o Evangelho»	197



biblioteca
municipal
barcelos



6268

O problema do homem e a
realidade divina